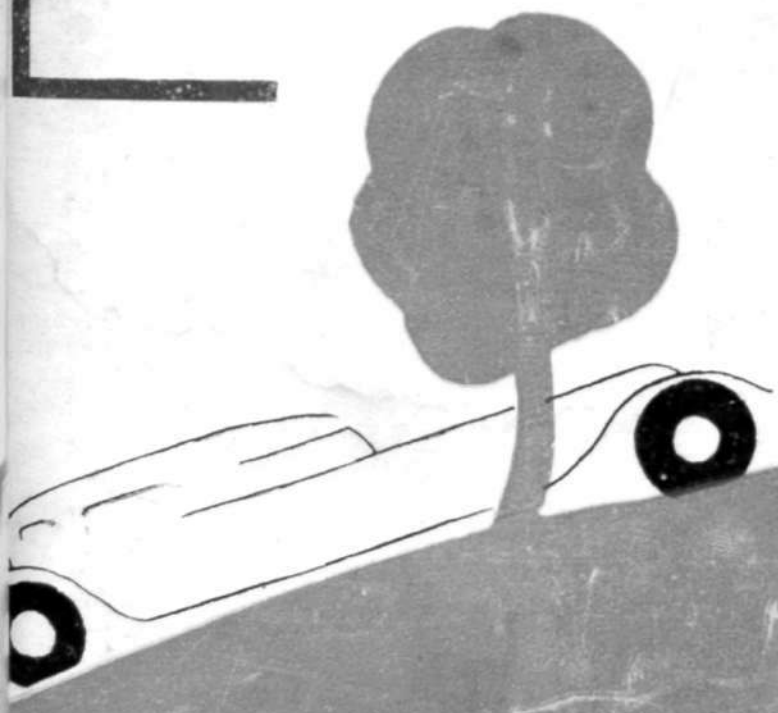
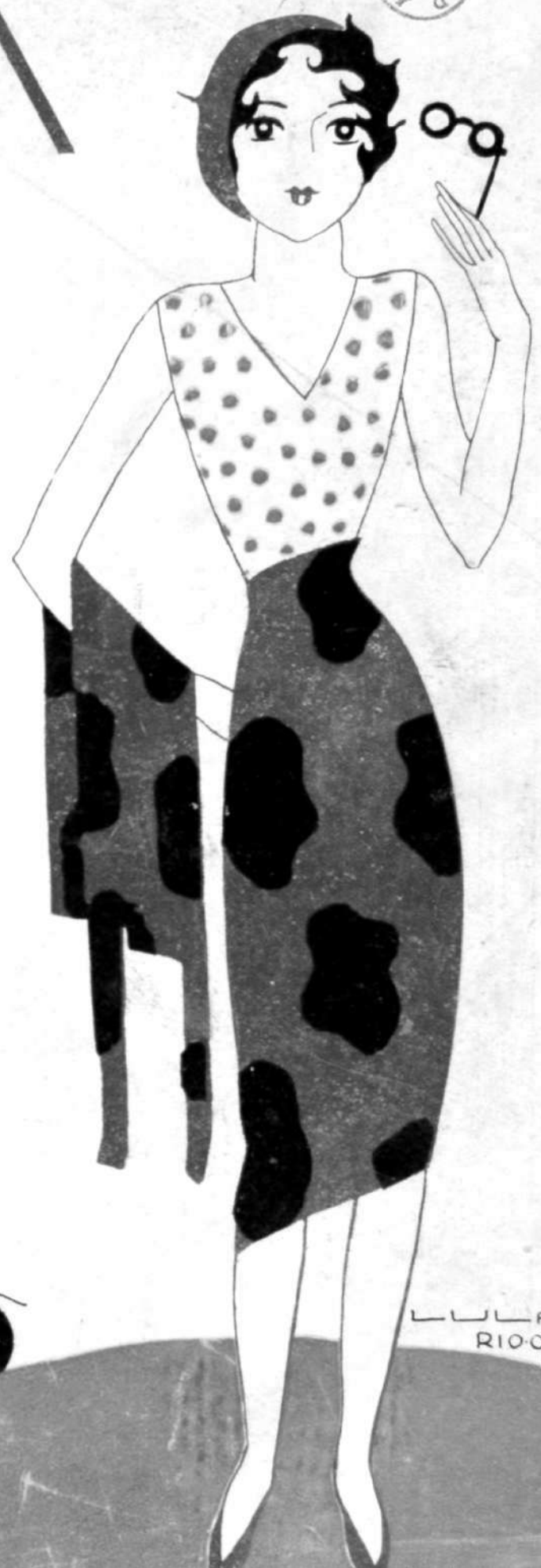


p954



15

LO'KON
V
C
E



LULA
R10-930

P'RA VOCE

revista semanal ilustrada

DIRIGIDA POR
WILLY LEWIN
LUIZ C. AYRES

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
DO "DIARIO DA MANHÃ"
RUA DO IMPERADOR 227 - RECIFE

PREÇO

1\$000



Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS
FINAS E RESISTENTES.

PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS

A' VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.ª ORDEM

Representantes exclusivos:

Alberto Fonseca & Cia. Ltda.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO

O PRINCIPE DO HUMOR NORTE-AMERICANO

Mais ou menos no anno de 1865 vagabundesva por terras californenses um tal Samuel Clemens, que sob o pseudonymo de Mark Twain seria mais tarde o mais famoso dos humoristas norte-americanos.

Descendente de familia pobre teve de trabalhar muito cedo para ganhar a vida.

Muito cedo tambem demonstrou ter um temperamento bastante aventureiro pois que aos treze annos escapou de morrer afogado.

Até 1857 exerceu nosso homem o emprego de obreiro impressor, indo de povoado em povoado, vivendo de pouca coisa, formando-se ao contacto dos homens e dos factos, nos successos quotidianos. Nesse tempo procurou um officio mais lucrativo e obteve de seu amigo Horacio Bixby o favor de ser seu discipulo. Bixby era piloto no rio Mississipi, cujo leito de alluvião variava constantemente. As hervas cresciam por todos os lados e os obstaculos deviam ser affrontados todas as noites e em todo o tempo, sem o auxilio de um só faról nem de uma só boia.

Uma memoria infallivel, um total sangue frio eram de rigor.

Mas, por outro lado, que existencia tão agradável e interessante! Os tres mil kilometros do grande rio eram um sonho. Mark Twain devia guardar impercível memoria de tudo aquillo.

Nosso joven acabava de obter sua patente de piloto quando estallou a guerra de Successão entre o Norte e o Sul dos Estados da America. A guerra impediu durante algum tempo a navegação commercial do grande rio.

Assim, pois, mudança obrigatoria de profissão.

Mark Twain começou a percorrer, como explorador e como caçador, as terras californenses, onde abundavam o ouro e a prata, "um pouco menor do que aventureiros affeitos ás peletas sangrentas e de gosto litterario bastante intenso".

E foi a esse publico que Mark Twain offerceu seus primeiros escriptos.

Bóas historias contadas ás pressas, bruscamente, simplesmente, tiradas da vida real, aventureira e violenta, do longinquo Oeste.

CIDADE VATICANA, RAINHA DO SILENCIO

Ninguem ousa gritar nessa urbs, nova por sua determinação civil, vetusta pelos seus muros, e as poucas vozes que pudessem sobressair de tom, perdiam-se na enorme amplidão; um toque de campainha, o rumor do passo de algum automovel, adquirem échos de incommensuravel repercussão.

O pateo de S. Damasio é como a ante-sala da cidade, e nelle principia a escada que ascende até a sala Clementina. Por ella passam os embaixadores, os cardeaes, os desconhecidos que vão ver S. S.

A's doze horas tocam os sinos e as campainhas todas da Cidade do Silencio.

O estremecimento sonoro desperta todos os échos No meio do pateo, debaixo do sol, uma mulher detem-se e persigna-se. E' a hora do Angelus. E' uma mulher humilde, uma mulher do campo que reza sua oração entre os muros bemditos. Com certeza não esquecerá nunca esta prece.

Dois suíços atravéssam o pateo. Mudança de guarda. Um automovel põe-se em marcha e atravez dos crystaes divide-se uma capa violeta. Porém tudo fica em silencio. Tudo sem uma voz. Morta a voz dos sinos todas as vozes silenciam. Os rutilantes mecharismos do telephone, com as listas de papel em movimento, estão tambem á espera da Cidade do Silencio; o som de uma musica que vem de fóra em nada commove o presente. E' coisa que pertence a outro mundo e a outra gente. Aquí a unica musica que se escuta com agrado é a dos repuxos.

Descobrem-se, um aqui outro alem... Têm um canto tão leve que apenas rompem o Silencio.

Commentarios sobre um testamento

Tem sido geralmente elogiado pela imprensa parisiense o testamento feito pela viuva do grande Anatole France. A viuva do illustre escriptor designou como testamenteiros os senhores Conet, bibliothecario da Comédie Française, e Fernand Baudat, magistrado, que foi tambem testamenteiro de Anatole France. A testadora institue herdeiro universal, além de alguns legados particulares, Paris, especificando que o museu Galliera deverá receber as edições artisticas das obras de Anatole France, assim como as cartas recebidas do mestre, cuidadosamente conservadas. Monsieur Clouzot, conservador do museu Galliera, tem a ideia de organizar no dito estabelecimento cultural uma sala Anatole France.

A viuva do genial escriptor francez teve, ao morrer, um gesto digno de todo applauso. Legar seus bens á cidade onde seu esposo lutou com denodo e onde recolheu os primeiros fructos do seu trabalho, é um bello elogio á existencia da que

foi companheira do novellista insigne.

Quando uma mulher une sua vida



DONA EUSTACHIA MUDA DE CASA

— Perdoem-me se os fiz voltar; mas esqueci-me deste botão.

(De "Gutierrez" Madrid)

á do homem de genio — nas letras, nas sciencias ou nas artes — deve existir uma identidade tão grande de animo e idéas, que se traduz forçosamente em feitos posteriores. Assim mme. Anatole France, quando chegou a hora de sua suprema partida, soube honrar a memoria do seu companheiro num acto que o mundo das letras applaude hoje unanimemente.

Bello testamento o de mme. Anatole France.

A quem melhor do que á cidade luminosa — luz de saber e de actividades — legar joias, chelias de espiritualidade e de amor, cartas intimas, onde os mais formosos pensamentos de um homem fixaram-se um dia, para elevar o conceito do carinho e da sinceridade.

Brevemente uma sala do museu Galliera conservará o perfume de um cerebro e de um coração, sacrificados ás letras por um homem que honrou sempre, em suas creações, o palz que ovto nascer.

O gesto de mme. Anatole France poderia ser fmitado. Os thesouros espirituales de um genio devem se conservar para a satisfação de um povo.

Photographia?

SÓ INDO Á PIERECK.

**TRABALHOS NITIDOS,
ADMIRAVEIS e INALTERAVEIS**

**RUA FLORIANO PEIXOTO
54**

Louis Piereck
ART. PHOT.

Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica **Beija-Flor**



AS GLORIAS DOLOROSAS

Uma mulher que amou Poe descreveu-o assim: Calmo, grave, a bella cabeça altiva e orgulhosa, os olhos negros pelos quaes passavam lampejos de sentimento e de paixão; em uma palavra, um conjunto humano irresistivel de doçura e de altivez. Sua grande falha? Era vagabundo, andava sonhando de olhos abertos, era como um morto ambulante; pobre, desolado, abatido. Chamaram-no o ébrio errante de dór. Desde a cabeça aos pés era todo negro. Não havia sequer uma linha branca. O negro que era o envolucro do seu espirito, revestia completamente sua pessoa. Sobre sua face pensativa nunca assomou um sorriso.

Sonhando com os olhos abertos, em suas brumosas visões, adivinhava resplendores de eternidade, que se perpetuavam quando a tangivel realidade fazia-o voltar a si. Sonhava penetrando na bruma do desconhecido, com os nervos vibrantes, prompto a perceber a idéa e a impressão mais vaga e mais fugaz, que logo raduzia em paginas de maravilhosa belleza.

Orfão aos 3 annos, chegou á adolescencia differente dos jovens que

o rodeiavam. Fez-se soldado, depois jornalista e, por fim, o poeta que com multissimos esforços não logrou arrancar das costas o peso da mais profunda miseria.

Publicou "O corvo" que lhe ren-



— Mas homem, por que é que você desperta tantas vezes este pobre homem que dorme tão tranquillo?

— E' que toda vez que o desperto elle me paga a conta.

deu 6 dollars, ainda que fosse uma obra de arte. Por "O Silencio" pagaram-lhe 10 dollars, por "O Escavavelho de Ouro" deram-lhe 52 dollars, e assim, em peregrinação lyrica, duramente, conseguiu endireitar a vida.

Porém, consciente do seu valor, ouviram-lhe um dia que dizia: "Todo o meu "eu" se revolta ante a ideia de que haja no universo um individuo superior a mim."

Alcançando alguma notoriedade no estrangeiro, lutou sempre para que sua propria patria o reconhecesse; o que aconteceu demasiado tarde.

Como o caso de Byron, a quem a Inglaterra admirou depois de morto, Poe havia de ser honrado pela America quando se cumprisse o centenario de seu natalicio. E aquelle que fundou uma escola poetica e com ella exaltou um conceito artistico da America envolta em afans materiaes, teve que cahir numa rua, aos 40 annos, envolto na bruma da embriaguez, para que os seus compatriotas começassem a se interessar por suas dôras.

SEGUNDA - FEIRA

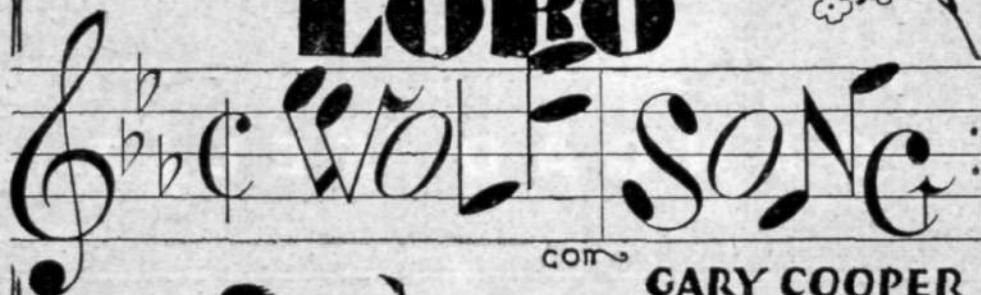


NO PARQUE

UM FILM FALLADO E CANTADO



FILM SONORO:
A CANÇÃO DO
LOBO



com
GARY COOPER
LUPE VELEZ
 e **LOUIS WOLHEIM**



GARY COOPER que cantará a "Canção do Lobo", "My Honey", "Fare The Well" e

LUPE VELEZ que cantará as melodias "Mi Amado" "Te Lola" e a canção thema: "Yo te Amo" etc.

Inicia o programma: A VOZ DO MUNDO, jornal sonoro, e HOTEL DA FUZARCA, revista em 3 actos

para
voce...

CANÇÃO FELIZ

Sobre o court vermelho
 a manhã linda jogou raios de sol
 como um punhado de confetti.

A luz verde das arvores
 aninhou-se na sombra verde dos meus olhos.

— Are you ready?

Syncope do movimento.

O silencio espera a pequena lua branca de cautchouc.

Dynamismo do drive.

A minha alegria canta no banjo da raquette.

— Are you ready?

Sim, estou prompto!

Prompto para receber-te, sol!

Prompto para a vida maravilhosa

que me deu o rosto moreno do meu amor!

W I L L Y L E W I N

ELE pensa que amizade dá-lhe o direito de tratar-me sem o devido respeito, e um dia em que eu estiver de mau humor, mandal-o-el passejar.

Vem sempre á hora da sesta e, como si eu nunca tivesse protestado contra esse seu costume, faz com que me despertem. Isto é realmente uma audacia e não sei como tenho podido suportal-o durante tanto tempo.

Quando vou buscá-lo, disposto a lançar-lhe em rosto a sua desconsideração, encontro-o tranquillamente sentado na escada de marmore, segurando com uma das mãos o corrimão polido e contemplando o céu chuvoso com os seus olhos inexpressivos.

— Que queres? — digo-lhe bruscamente, bocejando para insinuar-lhe que estivera dormindo.

Mas como elle não me olha, passal-me despercebidos os meus olhos avermelhados, os meus cabelos desgrenhados e a camisa lamentavelmente amarrutada.

— Olá! — responde-me calmamente. Não comprehende a aggressão de minha pergunta. Não tenho outro remedio senão sentar-me a seu lado, e permaneceremos ambos em silencio. Da escada vê-se um trecho da rua. O calçamento está humido do ultimo aguaceiro, e o céu começa a se cobrir de um vivo esplendor que nos fêre os olhos.

— Sabes que faço hoje dezeseite annos? — digo sem o olhar.

— E'?

— Nada mais te occorre para dizer? — Protesto indignado.

O sol envolve todas as coisas, sem deixar um só vazio pelo qual escape a sombra. Os garótos que a esta hora saem para jogar, adormecem nos humbraes.

Por que Annibal vem sempre a essa hora? E por que eu não me nego a recebê-lo? Faz oito mezes que nos conhecemos e, desde então, estamos unidos por um sentimento que se contradiz e se affirma a cada minuto. Todos dizem que nos parecemos muito em nossos gestos e habitos. A verdade é que, intimamente, somos muito diversos. Talvez nossos caracteres sejam como esses papéis de igual tamanho, porém que tendo sido dobrados de diferentes maneiras, ao serem superpostos, não coincidem nas dobras.

Minha Noiva, Meu Amigo e eu

Annibal tem minha idade, minha estatura e o mesmo volume nasal. Porém somos inconfundíveis, pois elle anda bamboleando-se eu caminho sem mover os hombros.

Estivemos dez minutos em silencio. De um relógio proximo, vibrava uma pancada grave que se prolongava até se dissolver no ar humido.

— A que horas

sairemos? — pergunta-me.

— Se não chover, ás seis.

Como conheço-o bem, ás cinco e meia estou em sua casa para apressal-o, e sem nos dizermos nada damo-nos o braço e caminhamos.

Tudo dorme sob o crepusculo prematuro. No Poente desgarrá-se a immensa lamina de chumbo, e cáe sobre a cidade um jorro liquido de luz, enquanto pelo céu apertado entre a dupla linha de casas baixas "vê-se vir a sombra correndo depressa". Passa um bond, tão rapido, que silenciosamente corta a rua como se cortasse uma barra de presunto. Ouve-se tocar um piano: dó-ré-mi-ré-mi-ré-dó. Respiro com força, porém o ar frio me faz mal, e sinto, uma dorzinha no pulmão. Annibal anda de cabeça baixa, procurando as poças. Pizzas e ri como um tonto. Eu, que não comprehendo essa mania de molhar os sapatos, rogo-lhe que não me salpique. Isto basta para que Annibal suje minhas calças, pizando ruidosamente em quanto charco encontre.

Sobre uma casa longinqua, a luz, ainda occulta, vaé limpando, por fóra, um pedaço do céu como se limpasse um crystal sujo. Vêem-se correr tenues nuvenzinhas, transparentes como gaze. E o silencio, a escuridão da rua, os reflexos irisados do asphalto humido, vão-me inundando de uma melancolia infinita.

— Vamos, fala, diz alguma coisa! — grito a Annibal.

Logo me arrependo. Annibal faz tudo quanto elle sabe que me desespera. Começa a falar aos gritos. Desprende-se do meu braço e gesticula como um marinheiro de folga. Agita as mãos sem descanso, e como seus dedos são compridos e descarnados, o ar deve ficar cheio de furos, como um queijo gruyere. Peço-lhe que se cale e o hypocrita finge assombro:

— Não me mandaste falar?

Neste momento sinto que o detesto e não daria mais um passo em sua companhia, se não soubesse que de qualquer maneira, teria de encontral-o dahi a dez minutos, pois sua namorada é amiga da minha. A seu lado perco a esperança de fazer o que gosto. Não posso olhar o céu porque zomba do nó da minha garganta; desapiedadamente, nega-me o direito de bocejar, ameaçando metter o dedo em minha bocca, de um golpe puxa-me do bolso o lenço de seda e joga-o ao sólo até que m'o devolve amarrutado e sujo. E' incapaz de dar-me uma satisfação e sabendo o quanto sou affectivo, nunca disse que me estimava. A's vezes passa-me o braço pelo hombro, porém quando percebe o que está fazendo desmancha-me a gravata te-

(Termina na pagina) 25



diz-se...



Era coisa que já se previa. Aquelle negocio do joven (estará ainda nessa categoria?) e bancario descendente da loura Albion andar sempre com o ultimo "vient de paraitre" debaixo do braço — no Banco, no bonde, no cinema — havia de dar em uma dessas duas coisas: um poema cu as classicas attitudozinhas literarias. O rapaz salvou-se do poema, mas não escapou ás classicas attitudozinhas...

Os literatos convencionaram ser a opera italiana uma coisa "demodée", indigna de ser apreciada pelos espiritos de escól. Pois bem: o joven e já por variadas vezes citado banqueiro, num gesto altamente literario, todas as vezes que se passa no "écran" do Parque algum "short" com trechos de opera, levanta-se ruidosamente chamando a attenção dos seus visinhos e respectivos callos, e vae fumar um cigarro no jardim, pois seus sensibilissimos ouvidos não supportam mais as velhas e batidas melodias lyricas.

* * *

* O artista da camara escura e da garganta clara, com a chegada do "Teuto passaro de aço", como dizem os chronistas, sentiu renacer em si todo o amor que dormia pela sua longinqua terra das ribeiras do Rheno.

Foi um entusiasmo louco. E andou contando a historia do "Conde Zeppelin"... E o numero de vôos feitos...

Uma porção de coisas.

Ainda outro dia, para exprimir toda a enorme belleza do ditigivel, disse numa roda de amigos:

— A pelleza do "Zeppelin" é toncrante, ton crante, que elle é até mais ponito que... E aqui accrescentou o nome de uma das nossas encantadoras "jeune-filles" que já o tem feito perder muitas chapas...

* * *

* Transcrevemos estas linhas de alguem que pretende um logarziinho no "Diz-se".

"Certo jornalista do orgão mais conservador da cidade vem preferindo os filmes mudos e quasi sacros do cinemazinho do arrabalde, ás fitas faladas do Parque. Tem tambem voltado a assistir a missa das 9, na Graça...

Eu nada quero insinuar... Mas, parece que vamos ter amores renovados. O "benjamim" da nossa imprensa diaria quer relembrar os tempos lyricos de "Siá Zefirina, meu bem", no Casino de Boa Viagem..."

* * *

* A verdade é que o mocinho de linda cabelleira doirada anda positivamente apaixonado por aquella deliciosa creatura á Sue Carol.

Todos os domingos, elle deixa o seu bairro mais ou menos distante, certo de encontral-a numa certa missa que começa ás 9 horas.

Mlle., porém, não gosta de acorçar muito cedo e vae sempre a uma outra missa.

Será isso com simples acaso, ou mlle. pretende desilludir o moço loiro?



A doce vingança

Por MIGUEL ZAMACOIS

Ah! Outra vez!... Já é bastante! — exclamou a bella senhora de Fidelong dando um murro furioso na mesa.

— Bastante? — respondeu em tom insolente o senhor Fidelong.

— Para mim é demasiado, já...

— E então por que não nos separamos de commum accordo?

Por que não o divorcio, o bom divorcio separador?

— Não me atrevia a propôr-t'o...

— A culpa é tua: dêste-me a oportunidade de te fazer a vontade em alguma coisa... Nossa vida não póde continuar assim; teu genio se exaspera...

— O teu se irrita...

— Jamais estamos de accordo sobre o quer que seja. Consideras esta casa como um restaurant e como um asylo nocturno. Tratas-me como uma cozinheira e como uma creada; estou farta...

— Convenhamos Como dona de casa, approvo-te...

— Approvas-me? Approvas-me? Porém eu não te approvo... Podes ir... Podes ir para o teu clube, para as tuas corridas, para as tuas coristas... E desafio que encontres outra mulher como eu, que jamais enganou um marido cuja conducta lhe offerencia mil desculpas e oportunidades.

— Mesmo sem isso, já são bastantes os teus defeitos... Para tudo ha um limite, até para a imperfeição...

— Bandido! Ah, sim, sim, o divorcio, quanto mais cedo melhor!

— A's tuas ordens.

— Amanhã irei á casa do advogado...

— Amanhã irás á casa do advogado? Bom, seja, porém para onde vaes quando saires daqui?

— Como, para onde vou?

— Sim... Olha que sou, apezar de tudo sufficientemente bom para prevenir-te; sabes bem que não se encontra por nenhum preço um appartamento, em parte nenhuma... qual é a maior tortura para uma certa classe de pessoas, actualmente? Deves recordar todas as historias que correm sobre os porteiros corrompidos a do ouro soore as agencias assaltadas, sobre os premios para os procuradores de casas. E sabes bem que, apezar de tudo, é necessario esperar mezes e mezes e até annos e annos...

— Mas — interrompeu a senhora Fidelong, — eu conservarei este appartamento...

— E eu? Não. Pensas que vou abandonar o contracto que está em meu nome? Aquí estou e aquí fico, como disse Mac Mahou no dia em que o proprietario exigiu-lhe o despejo.

— Depois de nove annos de casados, poderias ter a gentileza de ceder-me o appartamento.

— Não há gentileza possivel nesse assumpto de appartamenti. Eu conservo o meu, senhora. Não quero dormir debaixo das pontes, quando mais não seja, para te provar que sou um homem amigo da casa, por mais que affirmes o contrario...

— Que queres que eu responda a tua estupidez? Está bem. Fico. O divorcio se fará um pouco mais tarde.

— Oh, não te expulsarei d'aquí! Farás como quizeres quando houver um appartamento.

— Oh, não te expulsarei d'aquí! Farás como quizeres. Esperarei pacientemente... Um pouco mais... Um pouco menos...

— Fico até nova ordem... Porém fica certo, Gustavo: chegará o dia em que poderei saborear minha pequena vingança.

— Se é para quando encontrares appartamento, podes estar segura de que tua vingança, como dizes será um praço completamente "frio".



Imagine-se o que é a vida em commum de um marido e uma mulher exasperados, um dos quaes é obrigado a cohabitar ante a impossibilidade de viver em outra parte.

Passaram-se dois mezes, ao cabo dos quaes a senhora Fidelong declarou ao senhor Fidelong que, não podendo mais resistir, ia apezar da excessiva despeza, alugar um quarto num hotel, e começar immediatamente a acção do divorcio.

O senhor Fidelong não dissimulou a alegria que lhe causava a resolução e até aceitou, para conseguir a liberdade, representar uma farça de flagrante delicto completamente ás suas custas.

Emquanto isto fizeram suas contas, facéis de fazer, pelo regimem sob o qual teve logar o casamento... O senhor Fidelong só se mostrou recalcitrante quando se tratou da pensão de sete mil francos que devia passar a sua ex-esposa.

— Hás de me pagar com o resto!

— Ah, sim! — exclamou o senhor Fidelong — Com a tua vingança tardia!

Uma manhã, no mez do divorcio, rapidamente obtido graças a influencias amistosas, o senhor Fidelong foi surpreendido pelo seu creado quando lhe annunciou a presença de sua ex-esposa.

— Bom dia, senhor — disse ceremoniosamente a ex-senhora de Fidelong, deliciosamente elegante.

— A senhora vem para?... — grunhiu o senhor de Fidelong, estupefacto deante de tanto aplomb.

ELLA LYRICA

Ella é pura e bôa, é morena e linda.
Tem uns olhos côr de tarde e um sorriso de mel.
Acho que ella é o meu destino, que é a minha vida
[e ainda
mais do que tudo, julgo-a que é o ceu.

Ora, se o ceu está, porém, sempre com a gente
a sua ausencia não me causa pranto.
como o ceu, perpetuamente,
sinto-a commigo que a quero tanto.

Os seus olhos castanhos de sol pôr,
se reflectem sempre, sempre em minha vida
tão pequenina pra tão grande amôr.

Quando anoitece
o ceu não vaê embora...
tambem com ella é o mesmo que acontece.

E' o ceu, e como o ceu nunca me deixa,
a noite é o seu olhar castanho que se fecha.
E toda de manhã como o ceu que jamais, nunca
[se cansa,
os seus olhos se abrem para mim
num sorriso constante de esperança.

RIO, 27—4—30.

ABAETÉ DE MEDEIROS.

*Passam na rua as mocinhas bonitas,
umas louras, outras morenas,
mas todas com um jeito espontaneo de misses.
São as namoradas dos meus amigos.*

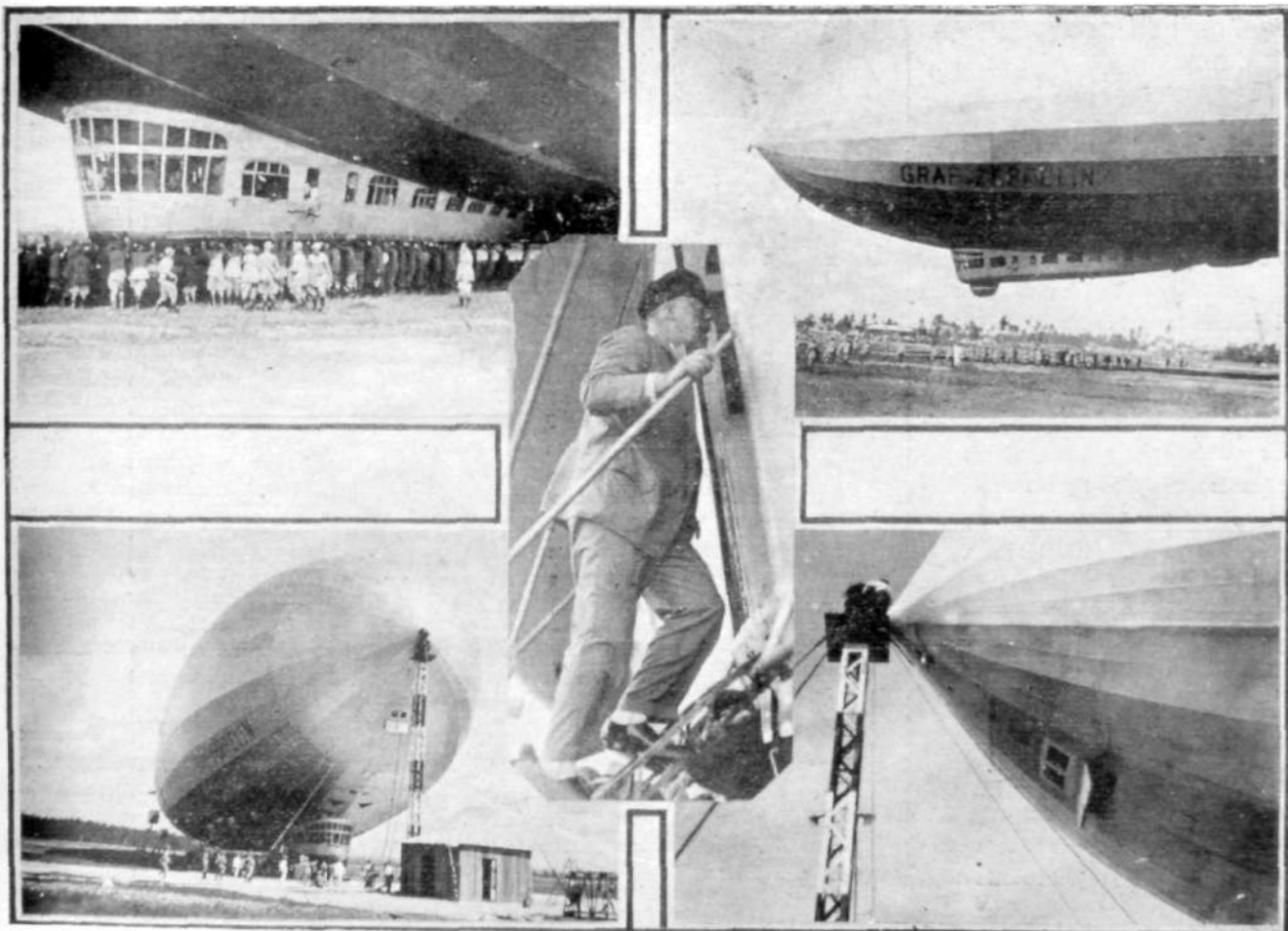
*Os meus amigos amam com esthesia,
amam com vaidade:
preferem as mocinhas bonitas com jeito de misses.
Mas eu fecho os olhos quando ellas passam...*

*A minha namorada é uma mocinha feia,
de rostinho pintado de sardas
e toda envergonhada me sorrindo
com o seu sorriso de dentes cariados.*

*Sabe que é pobrezinha de belleza,
que só tem a belleza da sua alma
e o seu amor de pastora por um principe.
Amigos! Sou mais amado que vocês!*

*Vocês amam com entusiasmo,
amam para fazer inveja aos outros rapazes.
Mas eu amo com piedade.
e fico mais triste que deslumbrado.*

Carlos Paurilio



Photographias tomadas momentos antes da partida do "Graf Zeppelin"

O CEREBRO DE LENINE E O NARIZ DE CLEOPATRA

Por CORPUS BRAGA

— Dentro de alguns mezes, quando tiver levado mais adiante meus estudos, mostrar-lhe-ei as photographias do cerebro de Lenine — disse-me saboreando uma taça de chá, o professor Vogt, director do Instituto de Investigações sobre o cerebro, de Berlim. Ao leitor *ocorrerá*, como a mim proprio, que este é um instituto deante do qual todos têm de se descobrir. Antes das salas de dissecação estão as salas de selecção. As salas de dissecação são, pois, dos selectos. São mantidas anonymamente pelos hospitaes, para que os aprendizes operem uma cabeça ou um pé, sobre um corpo de homem ou de mulher. De todo este conhecimento geral e total da physica humana, chegará o aprendiz a ser mestre especialista de uma parte do individuo, especializada. De um corpo de homem ou de mulher, por exemplo, o cerebro de um homem ou de uma mulher. No corpo bruto, a parte capital; na humanidade anonyma, as pessoas que são como alicerces na architectura da vida. Em Berlim ha philosophos, theologos, poetas, homens e mulheres de sciencia, actrizes, artistas estadistas, revolucionarios criminaes e outros grandes delinquentes que têm legado seu cerebro ao professor Vogt ou, na falta delle, aos seus herdeiros profissionais. E não são acceptas todas as offeras. E' bom negocio tomar um emprestimo á gloria sobre uma hypotheca do cerebro.

Os institutos de investigações do cerebro são obras de mestres sobre mestres e para mestres.

Seu segredo profissional está talvez encerrado, ainda que só seja comparativamente, no cerebro do ultimo homem que passa pela rua.

* *

O cerebro de Lenine está no Insti-

tuto de Moscou, que o governo sovietico poz á disposição do professor Vogt.

— E' o cerebro — continuou dizendo-me o professor Vogt, cheio de entusiasmo, não sel si profissional ou politico — mais rico de symptomas que tenho visto. Relativamente, Lenine tinha mais ideias do que os demais, e mais rapidez nas ideias. Via melhor os aspectos das coisas. Estava mais apto para ver a realidade. Seu cerebro estava muito mais affectado pela paralyasia progressiva do que consta o diagnostico dos medicos. Assombra pensar o estado em que já se devia achar o cerebro de Lenine quando ainda elle trabalhava infatigavelmente.

— Conheceu-o o senhor em vida? — perguntei ao professor.

— Não o conheci — porém ha dois actos de sua vida politica que confirmam o que tenho estudado do seu cerebro. Refiro-me á sua decisão, contra o parecer de Trotski e de todos, de firmar a paz com a Alemanha. E a sua decisão em pleno desenvolvimento revolucionario, de mudar a politica economica traçada, iniciando o que se chamou a "nep".

São duas provas, de rapidez nas ideias e de poder abarcar ideias oppostas.

Quando me separei do professor Vogt, fiquei pensando na primeira destas provas. Será a prova? Já se *discorre historicamente* sobre a guerra, e se reconhece que Lenine acertou firmando a paz em separado com a Alemanha. Acertou por um engano. Acertou porque a Alemanha perdeu a guerra. E Lenine julgou que ella a ganharia; e se a Alemanha ganhasse a guerra, teria resultado certa a paz em separado que fez Lenine? A Alemanha pretendia esmagar os bolchevistas se vencesse os aliados; assim é que utilizava os bolchevistas contra os aliados. Não se pode negar, hoje, que o triumpho da Alemanha teria sido mais perigoso para os bolchevistas do que o triumpho da França e da Inglaterra. E' o que via Trotski. Porém o professor Vogt

não disse que Lenine foi clarividente. O problema que traça o cerebro de Lenine é outro. Não é um problema historico da revolução russa, porém um problema da historia universal, e hoje, particularmente, da Alemanha.

* *

Se fosse verdadeira a vulgar psychologia dos povos que supõe: em França, o genio razoavel; em Inglaterra, o activo; em Hespanha, o apaixonado; em Italia, o esthetico, na Russia, o destructor..., quando se póde affirmar com a mesma certeza o contrario; que a Russia destructiva de agora quer ser uma obra de artifices, como já quiz ser artifice o fundador da Russia de outrora; que a arte na Italia, tão artistica, foi devida á Grecia, á Roma e á Renascença, faltando-lhe o genio total da criação, de maneira que as ruinas da Italia são as que deixaram, perdidas no espaço os grandes artistas da Renascença, sem a obra definitiva do conjunto; que na Hespanha da Inquisição manteve-se a mais intelligente e impassivel das casuisticas; que Hamlet não é da Dinamarca porém da activa Inglaterra; que, na razoavel França, Santa Joanna d'Arc creiou o ultimo milagre de Marne, e o ultimo mytho, o do soldado desconhecido; porém, se apezar de tudo, ainda se insiste que a França é razoavel, a Inglaterra activa, a Hespanha apaixonada, a Italia esthetica e a Russia annihiladora, então, segundo a maioria, e para maior commodidade do discurso, vale dizer tambem, e talvez com mais exactidão que a Alemanha é a nação problematica por excellencia.

Começa sendo problematica como nação. Nem a Alemanha é já uma só nações, nem todos os allemães são ainda nacionaes da Alemanha. Sua vida nacional não está de todo resolvida; é um problema politico, o problema politico da Europa. A Alemanha chegou a ser a pedra de toque de todos os problemas politi-

(Termina na pagina seguinte)

cos europeus. Tudo o que, politicamente, diz respeito à Alemanha, converte-se em problema europeu. O problema político da Alemanha atingiu a categoria de problema prévio da Europa. É mais do que um problema político; é um problema de philosphia política. A Alemanha é, naturalmente, uma nação philosophica.

* *

Na Alemanha, ser philosopho é tão commum como o era dantes ser poeta nas republicas da America Central.

— O meu trabalho é essencialmente inutil: sou philosopho — ouvi declarar um senhor, como a coisa mais natural do mundo, num café, no dia em que cheguei a Berlim, depois de ter atravessado a formidável Alemanha industrial.

Era este senhor um philosopho de café, porém de um café que tem bibliotheca de periodicos e bibliothecario e a outros dois philosophos desconhecidos que passejavam pelos jardins academicos das ruas de Berlim, ouvi que discutiam o problema passalliano do nariz de Cleopatra. Um desvio na linha desse nariz teria mudado a linha da historia? O nariz de Cleopatra apresenta o mesmo problema que o cerebro de Lenine? As paixões e a intelligencia dos homens, ou seja, a historia, mudam já pelas paixões, já pela intelligencia de um delles, ou o caso individual é apenas o symptoma de uma lei geral ineludível?

Quem faz a historia: o homem ou a massa? Desde logo, semelhante apresentação do problema é demasiado summaria e haveria que levar em conta muitas distincções antes de apresental-o. Lenine que era marxista e cria num determinismo inexoravel da historia, interveio pessoalmente, julgando-se o agente orthodoxo de tal determinismo. Outro russo, Tolstoï individualista, anarchista, não acreditava no poder individual de Napoleão na historia.

Concretamente, politicamente, apre-

senta-se hoje na Alemanha o mesmo problema da humanidade. A Alemanha não se desarticulou, reafirmou-se depois da guerra. Seu porvir parece, collectivamente, seguro. Estará seguro não o está pessoalmente? Conta com guias politicos, a Alemanha? Poderá ir adiante se não tiver politica? Nos pontos mais estrategicos da sciencia, conta hoje a Alemanha com os ho-

mens mais dispostos. Assim deverá ser. Porém esta primacia cultural, que deixa a actividade politica em segundo plano, corre o perigo historico de que se mallogrem as seguranças do resurgimento allemão por carencia de homens, de homens politicos, se o animal politico que é o homem é assim indispensavel (quãntas duvidas heréticas!) na historia dos povos.



Miss Capunga no dia em que foi visitar o "Graf Zeppelin"

C A N D I D A T U R A

A menina de olhos de "vamp"
e de boina á Sue Carol,
que passa sempre á tardinha
toda vibratil no seu vestido vermelho,
como se fosse um pedaço gostoso
do genio de Lenine fazendo footing,
é hoje um complicadissimo caso politico...

Terminou outro dia o mandato
de um dos representantes da maioria
do parlamento do seu coração.

E por causa disso
a menina de olhos de "vamp"
e de boina á Sue Carol
já foi a causa da fundação
de quatro jornaes e varios comités
que irão fazer quotidianamente,
em sonetos, balladas e quadrinhas,
a propaganda da candidatura de um "immortal"
apresentada pelo "Partido Parnasiano".

Eu, porém, me apresento pela opposição,
tendo em vista a lei que garante o direito das minorias.

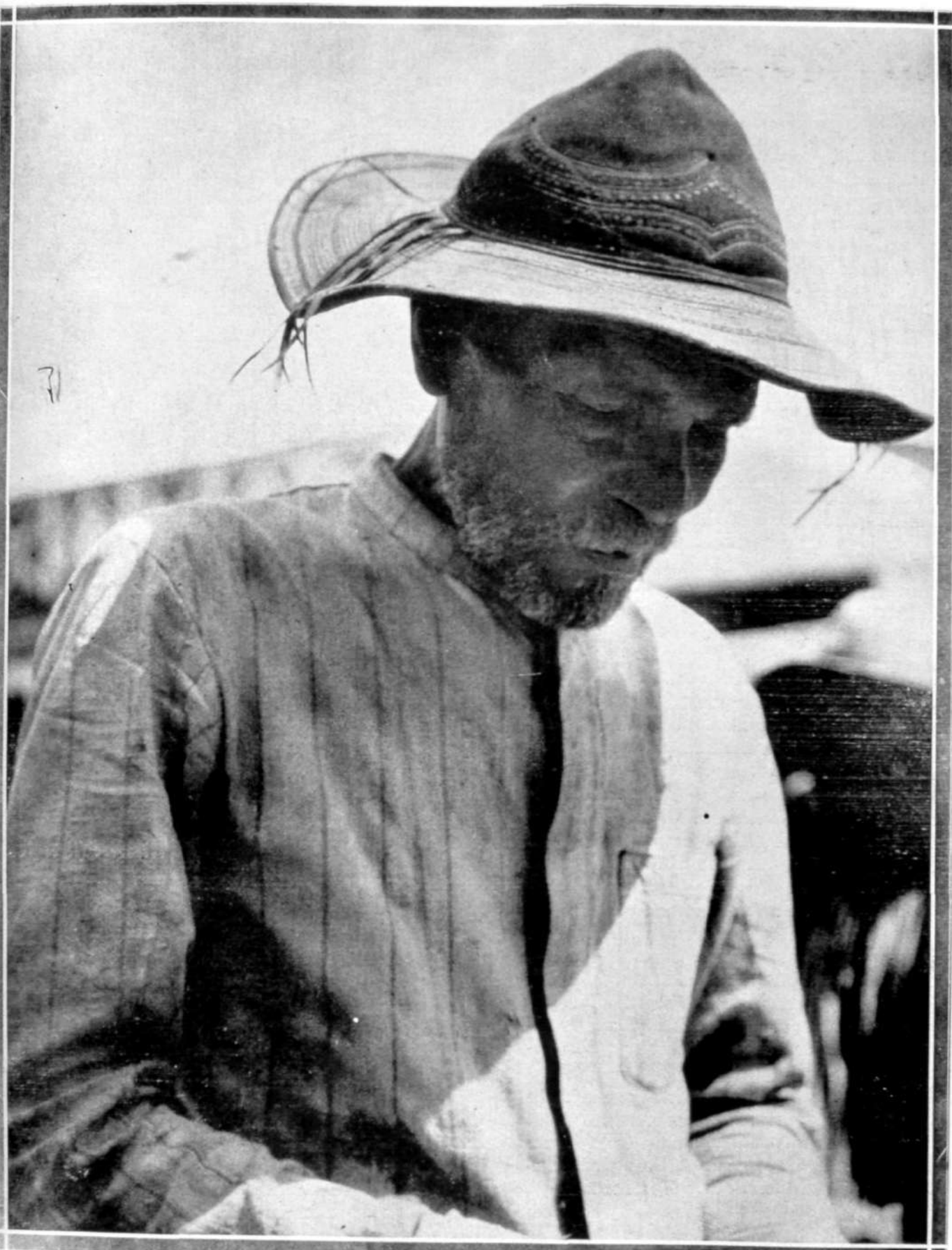
E ao contrario de cantar na minha debil lyra,
com rimas ricas e chaves de ouro,
que você é uma rosa esplendida,
cujos espinhos feriram minh'alma;
ao contrario de dizer que meu coração é como uma harpa,
cujos accordes são queixumes doloridos,
e que eu perdido de amor me ajoelho deante de você
como em frente de uma stala,
tal qual o meu competidor no seu manifesto;
eu prometto, menina dos olhos de "vamp"
e de boina á Sue Carol,
lhe ensinar como se bate um manhattan;
como se cantam os blues de Broadway
(*You were meant for me*, por exemplo);
como se dirige a 100 kilometros á hora um hispano-suiço
e se você não ficar satisfeita ainda,
eu sou capaz de dizer da tribuna da comissão de poderes
[do seu coração,
como ultima defesa do meu diploma,
que você é uma coisa louca,
caida do céu,
que pode botar qualquer miss melhor do mundo
a knock-out tecnico no primeiro round.

Sou capaz mesmo de dizer...

C A R L O S J . D U A R T E



Chegada do Conde e da Condessa Pereira Carneiro que vieram do Rio a bordo do Graf Zeppelin



O Sertanejo

F. REBELLO

I N F A N C I A

A memoria da gente é mesmo um velho bahú cheio de lembranças. Quando se esquece o presente e se começa evocando o passado, é um remeximento ao mesmo tempo doloroso e doce. Dóe e delicia ao mesmo tempo. Eu encontro dentro do velho bahú uma porção de cousas esquecidas: desgraçadinhas antigas que hoje são pequeninas felicidades, ingenuo romance de oito annos, um marujo de gola azul que me fazia tão bonito em criança e até me dava vontade de viajar e deixar a vovó... Como está pesado o meu bahú! Quase não o aguento carregar. Nunca pensei que lembranças de menino, leves e ligeiras, pesassem tanto depois!

A minha infancia, de tanto lembrada, vale uma existencia toda. Fica muito comprida. Parece que eu cresci até aos doze annos, depois parei. Botei corpo. Engrossaram-me os braços de musculos. Os ombros aprumaram-se como para sustentar o grande pêso da vida. Mas no intimo eu sou sempre fraquinho. Eu sou sempre aquelle menino debil para quem era quase um heroismo trazer um balde cheio de agua do banheiro á cozinha.

A avózinha enche todo o meu coração. Eu morava com ella, dormia com ella na mesma cama, agarradinho, porque ás vezes vovó não accendia a lamparina e o quarto ficava mais escuro.

A avozinha não era muito velha como essas avozinhas dos outros meninos, de cabeças muito alvas, e que andam devagarinho, tremulas. Vovó ainda andava firme. Os cabellos brancos, que apontavam, ella teimava em arrancar, talvez medrosa de tornar-se feia para mim.

Minha avó era costureira. Fazia vestidos bonitos para as mocinhas vaidosas. Os seus dedos operarios estavam constantemente picados de agulhas e alfinetes, apezar da infinidade de dedaes que eu comprava para ella.

Eu gostava da avózinha costureira. Primeiro, por causa dos figurinos e, segundo, pelas freguezas. Os figurinos coloridos encantavam os meus olhos avidos de côr. A côr dá sempre belleza ás cousas. É a varinha magica que tóca os objectos e as paisagens, tornando-os mais lindos e desejados. Os meninos comprehendem isso muito melhor que os homens. Quanto ás freguezas...

Depois de tantos annos, eu estou com mêdo de ser indiscreto. Vovózinha foi para o céu a coser as nuvens de Nosso Senhor que parecem vestidos tambem, mas muitas freguezas ainda estão vivas e habitam esta mesma cidadezinha. Si souberem o que lhes vou contar, talvez ellas fiquem zangadas com o pequeno travesso de outrora.

O meu quarto de dormir estava pegado á sala de visitas, onde vovó cuidava de suas costuras. Havia uma porta de comunicação entre as duas peças, mas sempre trancada, como um mysterio. Uma porta que se não abria nunca e que me attrahia com seducção. Estava fechada á chave, a chave perdida e a fechadura obstruida...

A avózinha prendia-me no quarto, quando chegavam visitas. Dizia-me que ficasse ali quieto um bocadinho só. A sua voz era mansa, mas tinha assim mesmo um tom de ordem inabalavel. Depois, saía, e fechava a porta por fóra.

Mas a outra porta, a que dava para a sala de visitas? A minha cama, atravessada junto a ella, augmentava a difficuldade de abri-la. Do outro lado estava o mysterio, acontecia alguma cousa que vovó me occultava, não queria que eu olhasse...

Mas veio o dia feliz em que descobri um furozinho na porta dos segredos. Esperei ansioso a primeira visita e pulei para a cama com o coração batendo depressa. Fiquei na ponta dos pés, espiando... O furo era pequeno, menor que um olho, e eu via tudo imperfeito.

A primeira visita foi uma mocinha magra e melancolica. Tinha o rosto ensombrecido como quem perdeu o pae ou a mãe. A sombra de seu rosto era verdadeira. Ella vinha provar um vestido de luto. E eu tive um deslumbramento, vendo o collo tão alvo saindo do casaquinho preto, que parecia a aurora expulsando a noite...

Desde esse dia, os meus olhos estavam grudados áquelle furo na porta, como si nada vissem sózinhos como si tivessem cegado, e o furozinho visse por elles. As imagens appareciam inacabadas, indecisas, brumosas, como essas pinturas dos artistas que preferem as nuanças, as penumbras. Porisso mesmo eu as julgava mais lindas.

Vi uma dama toda espigada, á força do espartilho, experimentando um formoso vestido cheio de florões. Eu agradei-me mais do vestido que della. Vi tambem uma joven, quasi uma menina, a quem as mãos habéis de minha avó ajeitavam um vestido muito branco e finissimo, de cauda. Em seu semblante se misturavam a alegria, o alvoroço, o extese e o receio. Agora eu sei que era uma noiva.

Eu estava viciado espiando. Era o meu primeiro contacto com as formosuras secretas das mulheres. Os meus olhos gulosos de menino não se cansavam e continuavam surprehendendo corpetes desabotoados, saias descidas. Uma porção de noites, passei sonhando com uns braços nus e dum doce langor como si fôsem feitos para abraçar...

C A R L O S P A U R I L I O

B R A S I L

ao H E L I O

brasil.
 combinação estranha que a química não desvendou.
 esquisito ternário de que nenhuma electrolise
 nem nenhuma reação termica fez a analise...

brasil...
 menino moreno e mal criado
 que saiu, clandestinamente,
 da volupia aventureira do português,
 da passividade animalésca do negro
 e da ignorancia selvagem dos tupis...
 garoto esperto e inteligente que aprendeu
 mais depressa do que ninguém
 o a-b-c da literatura e do civismo...

brasil. ele é RUY BARBOSA,
 o homem feio de cabeça grande
 cuja inteligencia era o mundo todo...
 é o gaúcho bravo e generoso
 cortando as coxilhas e os pampas
 com a agilidade miraculosa dos cavalos guapos...
 é a canção dolente do norte

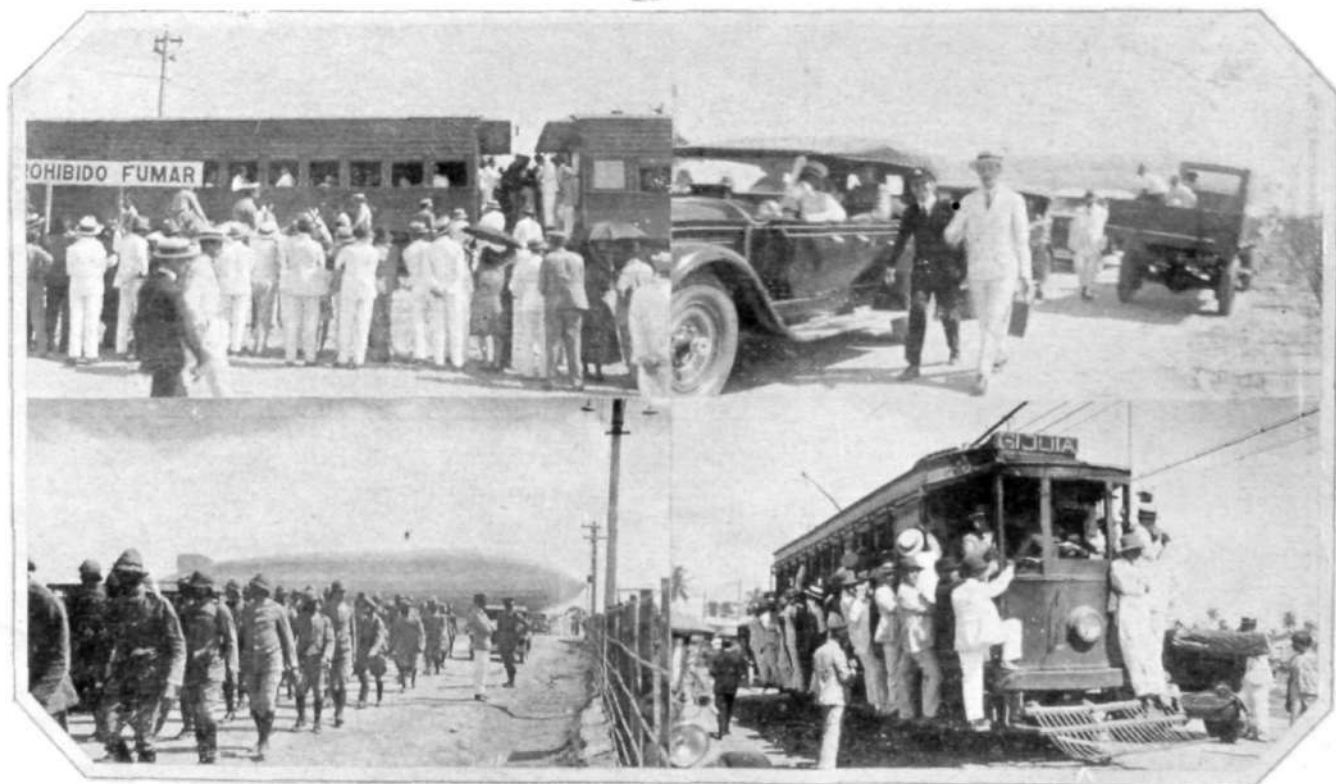
*traduzindo pela voz sonolenta das violas
 o grito profundissimo de angustia
 de um povo que só aprendeu a sofrer...*

*brasil. (meu deus, como ele está sabido!)
 já sabe um milhão de receitas de COCKTAILS...
 a alma do "jazz" entrou dentro da
 propria alma d'ele.
 os arranha-céus do rio e de s. paulo
 se erguem para o alto,
 numa vertigem de ascensão,
 como braços gigantes que se estendem para deus...*

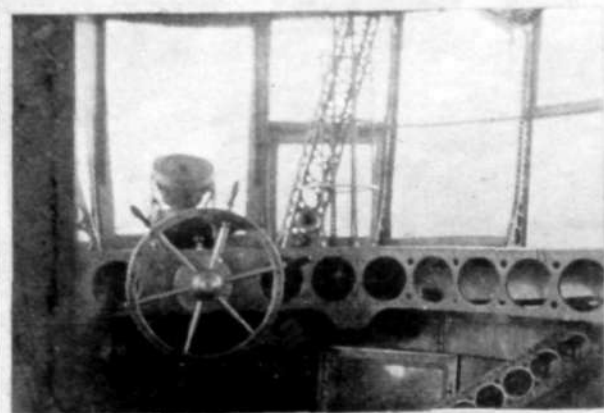
*eu ainda não achei um termo que coubesse em você.
 tambem a culpa é só sua.
 você é tão grande, meu brasil, deste tamanho...*

*brasil... minha terra... minha patria...
 patria cosmopolita do povo todo...
 a terra melhor do mundo...
 brasil...*

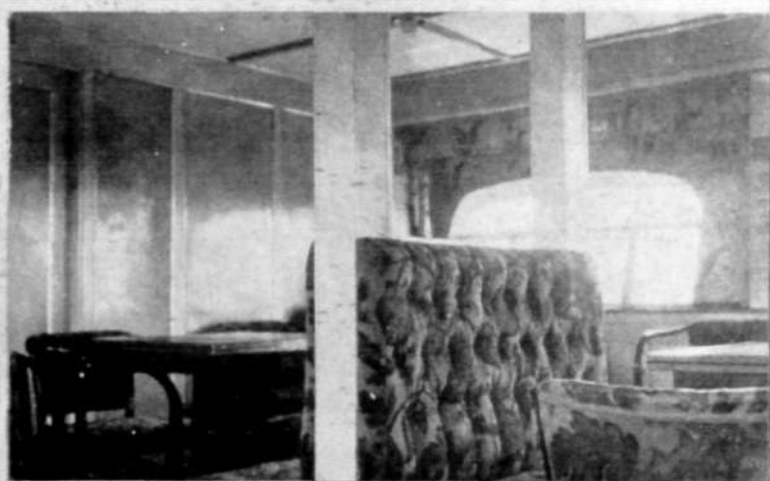
A L V A R O L Y N S



Aspectos das proximidades do Campo de Giquiá quando chegou o "Graf Zeppelin"

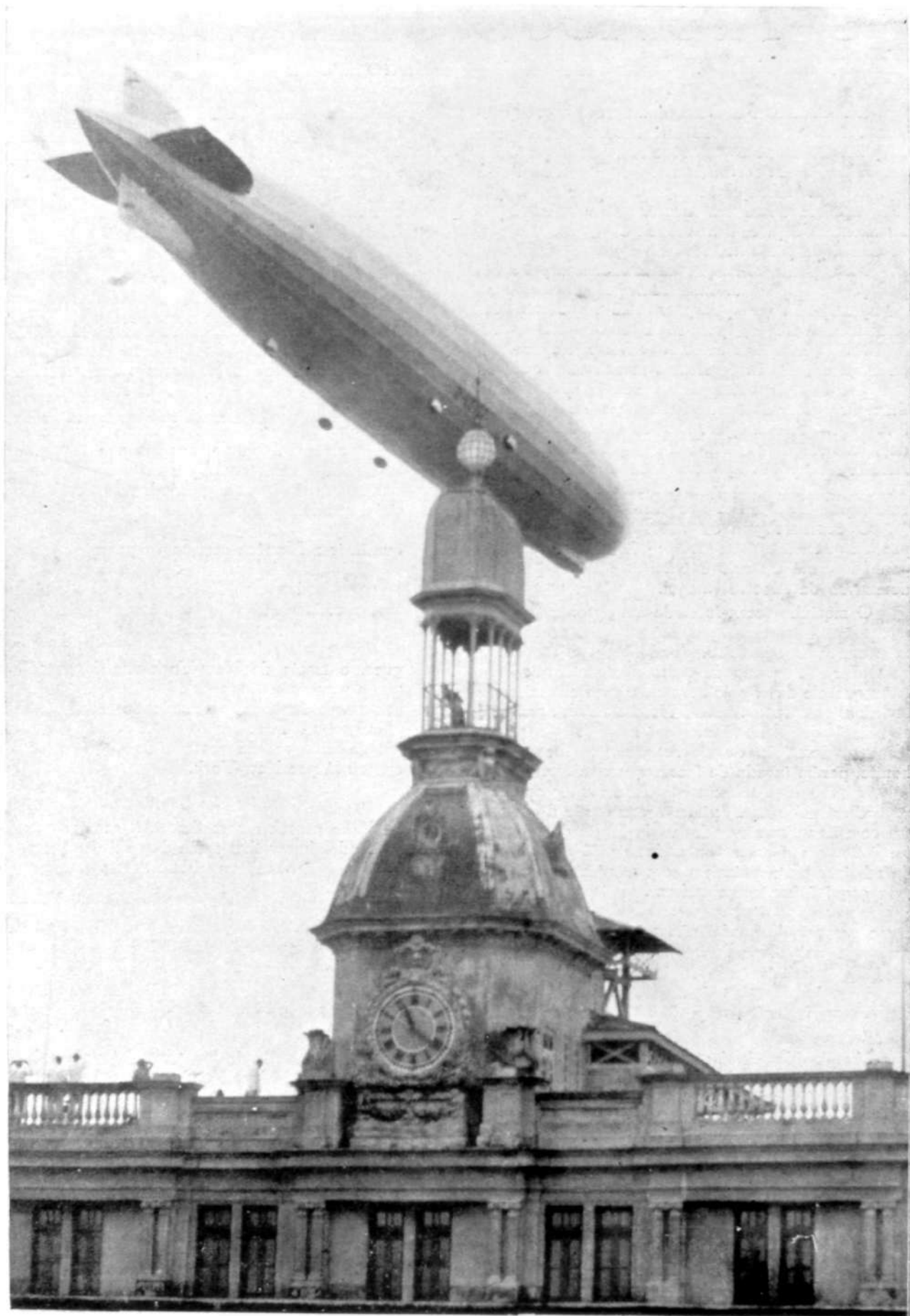


O "GRAF ZEPPELIN"



Aspectos apanhados pela nossa objectiva, durante a permanencia, em Recife, do gigantesco dirigivel.





O "Graf Zeppelin" voando sobre a torre do
"Diário de Pernambuco"

OS TROPICOS SEM MALICIA

Sebastião Publio DIAS

De Humboldt a Dolores del Rio. — As viagens em si raramente são interessantes. Em geral os passageiros são o melhor delas. Principalmente em viagens turísticas ou semi-turísticas, como nessa agora. Por mais que se faça é impossível largar toda a casca de turista falante quando se vai pro Amazonas. Seja esta a terceira ou quinta vez que se embarque pra Manãos.

Mais perniciosas que as anedotas são as explicações a respeito da intrincada geologia da região, da hidrografia (comparações infatíveis: dedalo, labirinto inextricavel), possibilidades economicas. Ai é que a ciencia jorra de fato. Grandes negociantes de calçados, cearenses crentes na subida da borracha, jovens agronomos citam com extraordinario desembaraço Euclides da Cunha ("a Amazonia foi uma virjem possuida pelo homem antes da puberdade), "a terra é boa, o homem é que não presta"), Alberto Rangel, Raymundo de Moraes, Alberto Torres, Oliveira Vianna e Dolores del Rio. Esta ultima por cauza duma fita "Inferno verde".

O cearense **gold** ou antes **rubber-digger** explicava que os americanos são mesmo uns dezavergonhados; até o titulo duma fita haviam plajiado dum livro de Alberto Rangel.

O mocinho recién-formado em agronomia tinha num sorrizo superior pra tudo isso. Raramente falava em autor brasileiro. Tudo pra ele, diante do pessoal embasbacado de tanto nome científico em latim que ele dava prárs arvores e pros animais, era Martius, von Spix, Linneu, Humboldt. Vagamente se referiu que Julio Verne no livro "A Jangada" fez uma descrição do rio Amazonas. Descrição bonita, porém inçada de incorreções, rematou.

O banjo — Até Santarém todo mundo se queixava da monotonia da viagem, mau grado a orquestra com as ultimas novidades do Rio e dos talkies. Se limitavam a comer ou a dormir, já aborrecidos de admirar tanta paizagem com assaizeiros, sumau-mas (aqui é impossível refrear os termos locais), barracões, furos, igarapés, paranás. Mas era tudo como o menu de bordo, não variava. Passageiros, entraram muitos em Belém, mas não adiantava. A

parada em Santarém devia ser providencial. Como a gente chegasse de noite toquei pro cinema da terra. Josephine Dunn, aquela carinha de pirão sem sal, iria dançar e me mostrar as pernas, mas o reiojio de bordo tinha quarenta e cinco minutos de adeantamento. Assim da "Majia negra" de miss Dunn ficou-me o dezejo insatisfeito e uma vizão confuza de Santarém: a igreja, o mez de maio, quiosques, o sobrado do cinema, canoas e um banjo. Sim, um banjo.

Primeiro eu pensei que fosse engano ou deficiencia de iluminação. Mas havia tambem na canoã em que eu voltava pra bordo um pronunciado cheiro alcoolico e umas vozes confuzas misturadas com sons. Ver, cheirar, ouvir. Aquele flash foi se definindo. Um homem preto forcejava pra cantar em inglez, acompanhando o banjo que ele tocava. Subio as escadas do vapor em equilibrio instavel. Porque falasse numa lingua extranha não conseguiu parlamentar com os empregados do navio. Um official graduado denunciou-o como barbadiano bebado, mais tarde como iânque, explicando que ele queria ir a Manãos sem pagar passajem. Não faltou pra nossa honra, quem quizesse se responsabilizar pelas despezas do banjista e como eram muitos se cotizaram.

O americano passou a divertir muito os passageiros porque falava muito atrapalhado o portuguez, e trazia de New-York uns foxes deliciosos que a propria orquestra de bordo não tinha. E naquela voz fanhoza arremedando Ukulele Ike de "Hollywood revue", dizia umas coizinhas que Rudy Vallée, com aquele pescoço de carneiro degolado, cantou lá por New-York.

I'm just a vagabond lover
Who search a sweetheart, it seems
And I know that some day I'll discover her
The girl of my vagabond dreams.

E outras mais.

S/S "Baependy", maio 1930.

COISAS DE CARLITO

Charlie Chaplin é quasi insupportavel na intimidade por causa de seu caracter indeciso e inquieto. Porém pessue taes qualidades de coração que logo se faz perdoar de suas explosões de mau humor.

Sua maior qualidade é a modestia.

No dia seguinte do exito da "A Febre do Ouro" muitos amigos felicitaram-n'o com entusiasmo, dizendo-lhe que possuia verdadeiro genio.

Chaplin replicou energeticamente:

— Não exaggerem. Eu não sou nem penso ser um genio. O que sei com certeza é que Monty Banks e Larry Semon são os maiores comediantes do cinema.

Uma estrella de Hollywood tem a paixão incontida do whisky. Tendo que trabalhar no film "O Circo", não soube resistir á tentação de beber, mesmo no dia da "pose", e para illudir a observação de Carlito, pensou esconder o whisky num pulverizador de perfume.

Chaplin, que não perde detalhe, descobriu o estratagemma, e durante uma breve ausencia da estrella deu cabo de todo o whisky do pulverizador. A diva regressou repentinamente, e deante do que viu, não poude conter seu furor:

— Peço-lhe desculpas. Porém havia um cheiro tão desagradavel aqui que não hesitei em aproveitar o seu delicioso perfume para purificar o ambiente. Agora poderemos trabalhar melhor.

CREATURA MYSTERIOSA

Eu gostava de você um bocadão damnado!
 ... apesar dos poucos dias que lhe conheço.
 O seu perfil me agradou logo á primeira vista.
 Fiz versos pra você mas não lhe disse nada,
 e jamais direi a ninguém.
 Porém, de certo tempo pra cá você ficou toda misteriosa,
 toda trombuda comigo sem eu saber mesmo porque.
 Já viram que catpora, esta minha?
 Contei tudo ao meu violão e elle chorou com pena de nós dois.
 o desgraçado!
 Eu? Nem um tico. Nem estava ali... Não fui eu que fiz nada.
 Eu não gosto de gente misteriosa. Tenho um odio damnado.
 Quero ver isto assim como eu sou: alma franca, aberta, sem
 falsidade, sem hypocrisia.
 O que você é é muito hypocrita, é o que é.
 Está zangadinha, hein?
 Que me importa! Que lhe fiz eu, porventura?
 Cuviu falar mal de mim e acreditou, não é verdade? Pois fique-

se lá e tire bom proveito de quem falou de mim...
 Eu, que olho com profunda indiferença as cousas do mundo,
 e que desdenho de toda a felicidade da vida
 gostava de você, mediocrementemente, como quem gosta de uma
 mulher bem mulher...
 Estava mesmo disposto a querel-a desesperadamente,
 como eu sei que quer a uma creatura morena que eu sei que é
 brasileira
 e bem pernambucana, só pelo andar bulhoso e os olhinhos
 desesperados de bonitos.

Não é verdade?
 Mas você tem grande esculva, cainda, triste.
 Sei lá...
 Ora Deus! que importa que você não olhe mais pra mim!...
 Não gosto de mulher misteriosa
 e você é misteriosa que chega metter raiva a gente.
 Vótes... pra lá! Se eu soubesse que você era assim,
 o diabo era quem tinha olhado pra você!

ESDRAS - FARIAS

MATINÉES DO PARQUE



A S O C I E D A D E

FEIRA

DE

SORRISOS

Todas as vezes que a gente fala nestas tres palavras simples: "um grande amor", Carlos inaugura um sorriso displicentissimo e pergunta ironicamente:

— Que é isso? Titulo de alguma valsa lenta?

E continu'a:

— Esta é uma das grandes vantagens do nosso tempo: a morte do amor. Uma cousa que só nos dava dôres de cabeça e noites mal dormidas.

Além disso, o amor infestava as livrarias. Quem tivesse a sua dôrzi-nha de cotovello achava que devia fazer "réclame" desta imbecilidade intima. E tome desillusões amorosas por cinco mil réis em brochura. Uma calamidade!

E assim o Carlos discorre, explica, orienta, citando casos interessantes, paradoxos intelligentes, theorias ousadas.

Depois o Carlos deixa os amigos e vae pensar numa lourinha muito conhecida, a quem elle presentearia com todas as suas ternuras e todos os seus ciumes.

Porque é logico que, numa roda de rapazes mais ou menos "snobs", a unica cousa a fazer é gastar um pouquinho de literatura.

JEAN

HOJE:

Sra. Nila Lins Pereira.
Sr. Antonio Gomes Freitas.
Sra. Aurea Barros Oliveira.
Senhorinha Carmen Pinto.
Sra. Nair Rodrigues Freitas.
Senhorinha Violante Cahu'.

DIA 1 DE JUNHO:

Dr. Arnaldo Cezar.
Dr. Luiz Correla de Oliveira.
Sra. Carolina Dubeux Lemos.
Sra. Ritta de Souza.
Sra. Thereza Paes Barretto.

DIA 2:

Sra. Philomena Candida Albuquerque.
Senhorinha Alyette de Medeiros.
Senhorinha Maria do Carmo Cavalcanti.

Sr. Alvaro Ramos.
Menino Hugo Araujo.
Senhorinha Noemia Lemos.

DIA 3:

Sra. Epitacio Pessoa.
Condessa Pereira Carneiro.
Dr. Ribeiro de Britto.
Senhorinha Alice Lessa.
Senhorinha Maria Clotildes Costa.

DIA 4:

Senhorinha Candida Duarte Dias.
Sr. Antenor Falcão.
Sra. Thereza Jardim Rios.
Sr. Humberto Carneiro Leão.
Sr. David Souza.
Sr. Pedro Saldanha Ribeiro.

DIA 5:

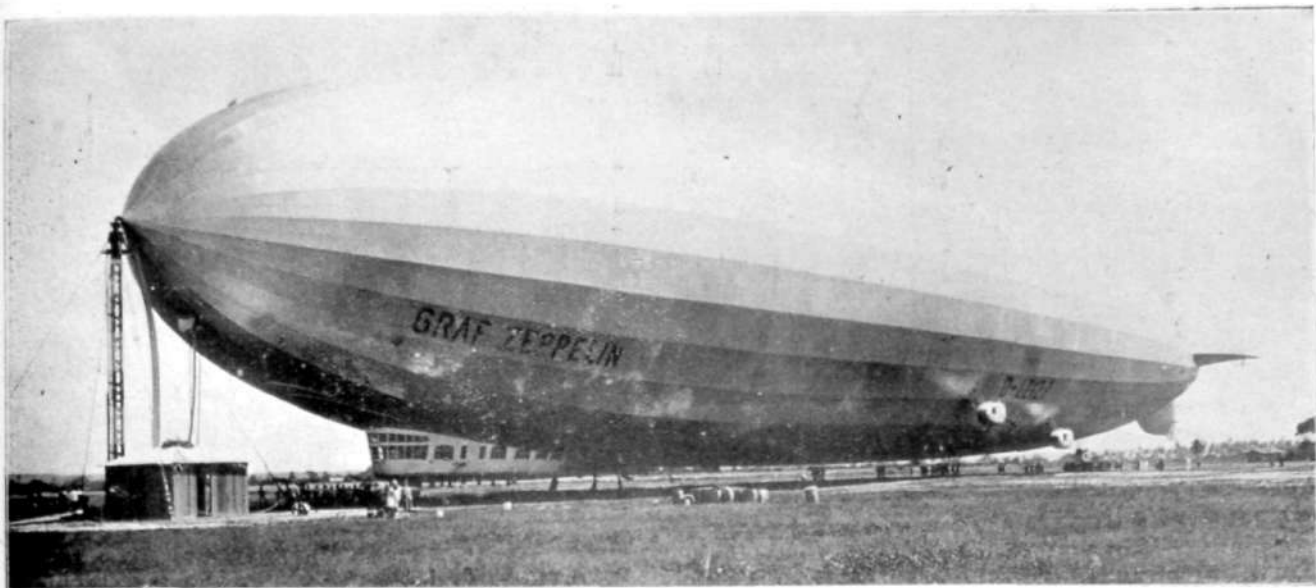
Senhorinha Lavinia da Gama Marques.
Sra. Davina Monteiro de Azevedo.
Senhorinha Gulomar Ferreira Pimentel.
Dr. Durval Rabello.
Dr. Murillo Silva.

DIA 6:

Senhorinha Gisa Mello.
Sra. Irene Machado.
Sr. Adalberto Coimbra.
Sr. Benedicto Moura.
Sra. Villarina Moura.



Aspectos do almoço offerecido pelo Governo do Estado ao Dr. Hugo Eckner, commandante do "Graf Zeppelin", em Gurjahú.



O "Graf Zeppelin" amarrado á torre de Giquiá

SYNCOPE DE DELICIAS...

Em meiguice de cocegas, morna de caricias, leve de perfumes, dançando em sensações, frenesia... desfizeram-se em syncope as delicias de minha volupia... E nesta rhythmia de te soprar e te desejar cada vez mais, escaparam-se os murmurios das ponderações do raciocinio, ficando-se um pelo desejo do outro... Unidos, em serenidade innocente, agustos, em simulacro de sensualismo, discorriam flammis nervoticas, na selvageria exotica dos amores secretos...

Syncope de desejos... syncope de delicias, misturadas de sons, de hymnos, de myrrhas aos deuses das mudanças sensuaes, das doidices voluptuosas iam e voliavam nossas ardencias... Nesse "tic-tac" vibratil de insatisfação infinita, de vêr e querer outras coisas novas, minaram em nós dois — uma denuncia de morphina e uma cocaina enervante de prazer... E não sei quaes eram os alfine'es dessa coavulsão voluptuosa, dansada com as "cocegas" de meu apaixonado... vivo e morto de syncope...

YOLANDA DE MENDONÇA

SONHOS

(Do *Diario* de uma garota ingenua)

Outro dia, tive um sonho lindo com você.

O mar, nós dois, uma jangada. Você remava, muito, muito mesmo e eu me deixava levar na pequenina jangada, fragil, leve tão leve como um sonho.

A praia ficava lá, muito além, e não pensavamos em voltar.

Você então fallou no abysmo em que estavamos: — o mar, o céu, nós dois, a terra tão distante!

Meus olhos cheios de maguas, zangados quasi, disseram a você o que no sonho meus labios não ousaram dizer.

E você ficou sabendo que: — nada temia ao seu lado, que você era para mim um mundo, uma vida toda!

Marluce



Aspecto da mesa por ocasião da entrega dos diplomas

Turma de dactylographos e Tachygraphos diplomados pela Escola Royal Official

O VAMPIRO

Por JAN NERUDA

O vapor de excursão levou-nos de Constantinopla á costa da Ilha de Prinkipo, onde embarcámos. O numero de passageiros era bem reduzido: uma familia polaca — composta do pae, da mãe, uma filha e o noivo desta — e nós dois. Ah! esquecia-me de que quando nos achavamos na ponte de madeira que cruza o Corno de Ouro, reuniu-se ao nosso grupo um homem relativamente joven e, ao que parecia, grego. Sem duvida era um artista, um pintor, a julgar pela pasta que trazia debaixo do braço. Os cabellos negros e anelados caíam-lhe até os hombros, seu rosto era extraordinariamente pallido e os negros olhos muito rasgados. Interessou-me desde o primeiro momento, sobretudo pela sua cortezia constantemente attenta e seu conhecimento da localidade. Porém falava demais e não tardei em afastar-me delle.

Muito mais agradável era a familia polaca. O pae e a mãe, eram pessoas bondosas e amáveis; o noivo era um moço de modos francos e distintos no mesmo tempo. Tinham a intenção de passar em Prinkipo os mezes de verão, em busca de melhoras para a saúde, ligeiramente alterada, da filha.

A formosa e pallida joven convalescia de grave enfermidade, ou estava exposta a uma seria affecção que começava a ameaçar o seu organismo. Andava apoiando-se no braço do noivo e, a meu do, via-se obrigada a deter-se e a sentar-se para descansar, enquanto uma tossezinha secca interrompia sua conversa em voz baixa. Cada vez que tossia, seu noivo detinha-se affectuoso e solícito e olhava-a com expressão de compassiva sympathia. Ella correspondia o olhar como que dizendo: "Não é nada. Sou feliz a teu lado". Ambos acreditavam na saúde e na felicidade.

Por indicação do grego, que se separou de nós no cás, a familia procurou commodos no hotel da collina. O hoteleiro era um francez, e sua casa estava installada com conforto não isento de gosto artistico, no estylo francez.

Almoçámos juntos e quando diminuiu o calor do meio dia, encaminhámo-nos até o cimo da collina, onde um bosquezinho de pinhos da Siberia promettia deliciosa frescura. Apenas nos installámos num sitio apropriado, surgiu o grego. Saudou-nos ligeiramente e sentou-se a poucos passos de nós. Immediatamente abriu a pasta e começou a desenhar.

— Parece-me — disse — que se tornou proposadamente de costas para que vissemos sua obra...

— Pois não lhe prestaremos grande attenção — commentou o joven polaco. — Ha aqui muitas coisas mais bellas para entreter o olhar.

Ao cabo de um momento acrescentou:

— Parece-me que está desenhando numa especie de fundo de natureza. Bem; deixemol-o fazer.

De facto, sobravam-nos motivos de seducção para os olhos. Creio que não



ha em parte alguma do mundo um rincão mais bello do que Prinkipo. A martyr politica Irene, contemporanea de Carlos Magno, viveu ali um mez, desterrada. Ah! se eu pudesse viver em Prinkipo um mez, a lembrança de suas bellezas illuminaria o resto dos meus dias! Nunca esquecerei o dia que passei ali.

O ar era limpido como um diamante e tão suave, tão acariciador, que a alma parecia elevada ás altas regiões das suas leves azas. A' direita, do outro lado do mar, surgiam os picos asiaticos; á esquerda, longinquas, alçavam-se purpuras as altas costas da Europa. Mals perto Chalki, uma das nove ilhas do archipelago do Principe, empennachava seus bosques de cypresses até as alturas passivas, como um sonho doce e melancolico, coroada por um grande edificio: um asylo para doentes mentaes.

O mar da Mármara, levemente irizado, sorria na multidão de cores moveidicas, como uma opala que se irisa sem cessar. Ao longe o mar era branco como leite; um pouco mais perto era rosado; entre as duas ilhas, de cor alaranjada, brilhante, e, aos nossos pés, de uma formosa tonalidade verdeazulada, como um zephyro transparente. Resplandecia em sua propria belleza. Não havia barcos de grande porte. Só duas pequenas embarcações que içavam bandeira ingleza e deslizavam junto á costa. Uma era um vaporzinho, pouco maior do que uma guarita; a outra era um barco de doze remos, e quando os remos se erguliam simultaneamente, chovia delles uma cortina de prata liquida. Delfins confiantes surgiam entre elles, para mergulhar logo depois de haver traçado um arco brilhante sobre a superficie das aguas. Pelo céu azul, agulhas de vôo sereno cruzavam o espaço entre os dois continentes.

Toda a falda da collina que se estendia a nossos pés estava coberta de rosas floridas, cuja fragrança saturava o ar. O vento trazia-nos, ensurdecida pela distancia, a musica de um café situado na praia.

O espectáculo era fascinante. Permaneciamos silenciosos emquanto nossas almas vagavam, sonhando nessa copia do paraíso. A joven polaca, estendida na relva, apoiava a cabeça no peito do noivo. O oval pallido de seu rosto delicado tingia-se levemente de cor suave, e de prompto, em seus olhos azues brotaram lagrimas. Seu noivo comprehendeu; inclinou a cabeça e beijou lagrima por lagrima. A mãe parecia tambem commovida a ponto de chorar. E eu... eu sentia uma vaga angustia.

— Que bem se sentem aqui a alma e o corpo! — Murmurou a joven. — Este é o paiz da ventura...

— Sabe o céu que não tenho inimigos. — disse o pae com voz tremula — porém se os tivesse, aqui perdoal-os-lá...

E de novo voltou a reinar silencio. Achavamo-nos num estado de espirito ineffavelmente doce. Cada um sentia em si um mundo inteiro de felicidade e anhelava compartilhar essa felicidade com o mundo inteiro. Todos se entregavam ao mesmo sentimento e cada um respeitava com o silencio a emoção dos outros. Apenas percebemos que o grego, ao cabo de uma hora, levantou-se, fechou a pasta e, depois de saudar com uma inclinação de cabeça, afastou-se. Nós ficámos. Por fim, depois de varias horas, quando a distancia se sumia num violeta escuro, maravilhosamente bello para o Sul, a mãe advertiu-nos que era hora de regressar. Puzemo-nos de pé e principiámos a andar em direcção ao hotel com o passo facil e elastico proprio de meninos despreocupados.

(Termina na pagina seguinte)

NANETTE — UM PÓRRE LYRICO...

De RAULLIMA

Aquella noite parecia um acesso azul de impudismo.

Fôra, um frio snob povoava o ar cheio de nada, vazio de movimento e de côr.

Na sala scintillante de luzes e de sorrisos, crepitava uma febre de sensualidade e de ruído.

O berreiro da musica, o ardor tropical dos corpos, a volupia dos rostos languidos... O vermelho dos labios e das sêdas, como tudo mais, era "som de clarim", na imagem do cêgo de Mantegazza.

Nanette era uma doidice morena que voejava ali, transmittindo maluquice na cabeça da gente, assim, sem pensar. Chamava-se Nanette — nome pra *midinette* parisiense — como poderia se chamar Lourdes, Violeta, Heloisa, designações um pouco mais nacionaes. Mas é tão sabida a impropriedade dos nomes proprios...

Ella, apezar das suas faces morenas, quasi como os seus cabellos castanhos, sempre tão arrumadinhos na cabeça deliciosa, com um jeitinho de reclame poderoso da terra que Portugal ganhou na loteria, ella se chamava mesmo Nanette.

—Uma coisa louca!

Eu acho lindo um vestidinho azul numa mulher morena. São as mulheres bellas que fazem os vestidos bonitos, — creio eu sempre que não penso justamente o contrario.

Nanette era mesmo uma coisa louca. E fazia adoravel aquelle seu vestido azul, a que ella queria tanto bem. Talvez porque se parecia muito com ella. Era moreno tambem, o seu vestido azul.

Dansámos. Outra vez. Um par de namorados tinha um caso com o "My blue heaven". Pediu aos olhos da orchestra. Quando saiu o fox romantico, eu pensei que o cêo era aquelle pedacinho divino de mulher que eu sentia junto de mim.

Creio que conversámos. Provavelmente uma porção de tolices. Não havia mal nenhum nisso porque quasi não se ouvia nada. O jazz não deixava. Fazia tanta algazarra...

Nanette tivera um *béguin*. Mas o *béguin* de Nanette fôra ruim pra ella. E ella estava gostando agora de mim.

De repente, me disse, tocando os seus dedos macios acima do meu collarinho branco, numa caricia do outro mundo:

—Como eu posso saber se você gosta de mim? Você nunca me disse.

—Você quer? Eu lhe contarei uma historia linda. Você ainda é uma criança, Nanette. Deve

gostar de ouvir historias.

—Conte-me, então.

—Aqui? Deixe se apagar o zumbido louco desse fox e eu levarei você ao bar, pra ouvir a minha historia. Você sabe que ainda somos primos, não? Pois as suas irmãs mais velhas são. Que destino será este meu, Deus do cêo, que só tenho primas fôra da idade?

Os olhos do jazz gritaram qualquer coisa e houve silencio.

—Vem?

—Vamos.

Nanette me deu o braço e no bar, o garçon, um neto decente de Pae João, nos arranjou uma mesinha redonda e fria como a noite de lá-fôra.

—Pra mim, *Marrasquino*. Tambem, você? Doido? E por que? O *cocktail* é o novo chá dos elegantes. Então fica com a sua *Guaraná*, é? — Isto, rapaz.

—Comece, — disse Nanette. E deitou dentro do meu coração as laminas brilhantes dos seus olhos. E os olhos de Nanette foram para mim como esses aparelhos de diathermia, que penetram na carne da gente frios como o aço e que, com a descarga electrica se fazem brazas.

Desorientei. Fiz tapeações, não contei historia nenhuma. Disse as coisas mais pueris. Ella sorriu, fez — ora...

—Você diz — ora —, Nanette? Você ri da minha ingenuidade? E' porque você não sabe quanto custa a gente amar. — O' rapaz, leva os copos e traz *Veuve Robert* — E você? Acompanha? Xarope, bebida de moça. *Veuve Robert* a dois. — Essas viúvas fabricantes de bebidas são adoraveis. E' uma pleiade illustre: *Clicquot*, *Robert*, *Collares*, tem de haver outras.

—Você está exquesito hoje.

—Acha, Nanette? Temo que seja amor...

—E eu que seja alcool...

—Perversa...

—Noceur...

Outros copos vieram e eu os esvasiei, como um de mente, bebendo por um amor que não nascera e já morria afogado em essencias venenosas.

Lembro-me que reclamei até *absyntho*. (Não tinha no bar).

E Nanette? Ah, era mulher... O seu velho *béguin* lhe sorriu, de longe, e parece que cheguei a ver dar-lhe um beijo no volteio duma valsa...

O VAMPIRO

Uma vez no hotel sentamo-nos na galeria aberta.

Um instante depois ouvimos um tumulto de vozes violentas. O grego disputava com o hoteleiro. Escutamos sorrindo.

Porém a diversão durou pouco. O hoteleiro subiu a escada da galeria, murmurando rancorosamente:

— Se não fosse pelos outros hospedes...

Ao passar por junto de nós, o joven polaco perguntou:

— Quer dizer-me quem é esse seithor? Como se chama?

— Vá alguém sabem o nome desse individuo! — grunhiu o hoteleiro chhando p'ra baixo com expressão de cêlo. — Nós chamamos-lhe o Vampiro.

— E' um artista?

— Artista? Lindo officio! Desenha só cadaveres. Apenas morre uma pessoa aqui ou em Constantinopla, termina um retrato do morto. Começa a retratá-lo em vida... e nunca se engana

quanto ao que vai morrer... E' como um abutre...

A senhora polaca soltou um grito de espanto. Seus braços sustinham a filha pallida como uma morta. A joven tinha desmalado.

O noivo desceu a escada de um salto. Com uma mão agarrou o grego, e com a outra arrebatou a pasta.

Corremos atraz delle. Ambos rolaram na areia. O conteúdo da pasta espalhou-se no solo. Numa folha, um esboço a lapis representava a cabeça da joven polaca, com os olhos cerrados, e uma grinalda de myrto na frente.

AS BANDEIRAS

(Maurice Rollinat)

As luzentes cabelleiras
de minhas lindas amadas
são luxuriosas bandeiras
despregando-se guerreiras
sobre as carnes dominadas.

Nem as rêdes mais ligeiras,
nem diademas de brilhantes
As luzentes cabelleiras
de minhas jovens amantes
são luxuriosas bandeiras.

E ao chocarem-se, frementes,
as sêccas bôccas ardentes,
se extorcem allucinadas
as cabelleiras luzentes
de minhas loucas amadas.

Tradução inédita de

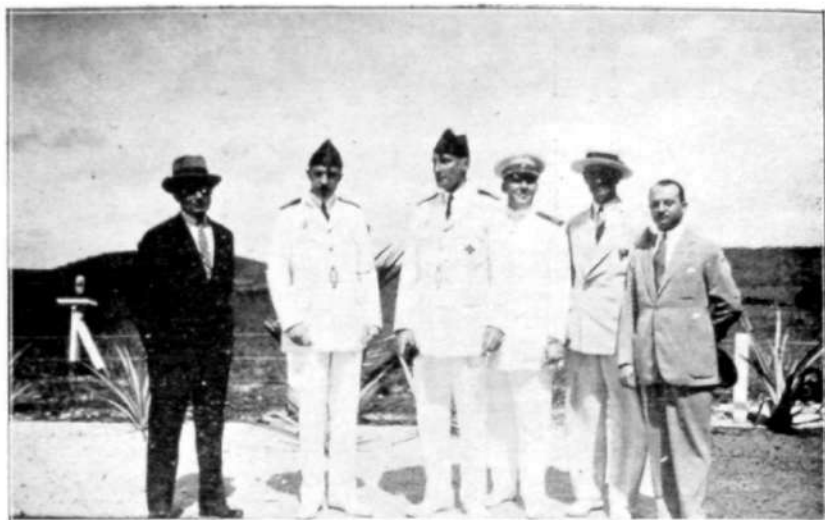
AUSTRO-COSTA.

* * *

BILHETE

... E ella assim, tão fina, tão frágil, é a tecelã mais trabalhadora que eu conheço.

Acredito que não descança, nem aos domingos; talvez mesmo pouco durma. Sempre muito ligeira faz um enrendado inimitavel, tenue, sedoso,



S. A. o Príncipe Alfonso de Orleans, em visita ao Campo do Ibura, da Aeropostale

e que. — caprichosa!... não ensina a ninguém. Ella é realmente de um capricho unico... Vae trabalhar às vezes n'uma cadeira adamascada do salão, num requinte de bom gosto. Vae tambem tecer o seu bordado longe, escondida, sem ver ninguém, atraz de uma porta ou de um reposteiro... Eu já a surpreendi mesmo a confeccionar um tecido maravilhoso, trabalhando no banco do jardim sob um sôl de fôgo num céu azul de flôr — só para ficar junto das rosas e das cabeças brancas das petunias — Você quer desposar uma moça trabalhadora meu amigo e... — meus parabens; mas essa

preciosa tecelã de que falei não lhe serviria: só nas historias de fadas e gnomos poderá um poeta eleger uma aranha...

THEREZINHA CALDAS
27—5—930.

UMA EXPLICAÇÃO...

"Miss" Unica...

Pintaram-na com dotes excepcionaes de belleza, e me fizeram o seu apaixonado, lyrico, romantico...

E' curioso!

Houve, até mesmo, á minha revelia, algumas concorrentes ao titulo de "miss" Unica...

Que esperança!

O titulo pôde tentar, porém, não sei se são interessantes as clausulas do "concurso" e as exigencias do "juiz"...

Mas, "miss" Unica, amigos, foi a criação de um momento, e existiu apenas naquella pagina de "P'ra Você".

Outra preliminar é, a do typo escolhido, ter sido moreno, o que dependeu exclusivamente do sabôr literario da occasião. Não tem significação alguma.

Se me apetece uma maçazinha da California, em lugar de um caqui do Rio Grande, possivelmente "miss" Unica teria saído loira de olhos azues, ou alva de cabellos e olhos escuros...

E, se assim fosse, justificava-se perfeitamente, pela decidida preferéncia que sempre tive pelas alvas de cabellos e olhos escuros...

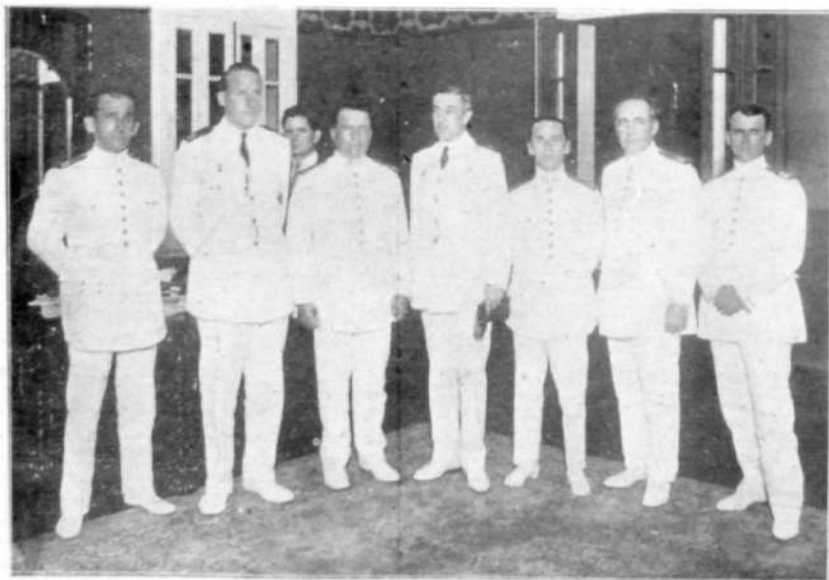
Como se vê, o moreno vermelho do caqui, serviu simplesmente de padrão...

E, eu bem sei, que foi de uma deliciosa maçazinha, (pernambucana da gemma, já se vê), que me veiu todo o mal e todo o bem...

— Por isto e para variar, é que pretol do caqui...

Demais, eu não sou tão conservador a ponto de dizer, nobody but you, uma vez só...

JOAO RUFINO



S. A. o Príncipe Alfonso de Orleans, Infante de Hespanha, no Hotel Central em companhia de officiaes da Força Publica do Estado.

Minha Noiva, Meu Amigo e eu

(Continuação da pagina 6)

mendo que o ache sentimental. E' inutil que lhe recomende moderação quando passa uma moça de minha amizade, pois como se nada lhe tivesse dito, grita com barbaridades. Sabe que me desgostam os gritos, porém faz como se não o soubesse. Agora mesmo para dizer-me que viu nossas noivas, deu um grito horrível, e um garoto que passava olhou-o assustado.

Ellas tambem nos viram. Não me passa despercebido que minha noiva está com sapatos novos.

A presença de Rina — Rina é minha noiva — transforma todos os meus sentimentos, toda a minha personalidade. Estou tão habituado que me despójo della como quem muda de roupas.

Faramos na esquina no momento em que ellas passam.

Rina olha-me com seus olhos negros, profundos, um pouco velados por enigmatica tristeza. Como estudo meu sorriso no espelho, penso que ella faz o mesmo com seu olhar.

Tem quinze annos e sete pulseiras que executam uma musica extranha e selvagem quando ella move o braço. Vem até a mim e saudá-me. Sua voz é velada, dessas vozes que foram feitas para murmurar phrases de amor e dizer coisas apaixonadas.

Quero falar-lhe, porém, ellas contínuam o passeio, apressando o passo para voltar onde nós estamos. Caminham tão rapidamente, que um velho que passa cantando volta-se para olhá-las. Já estão de volta. Seus passos são agora magestosos.

— Vamos?

— Não sei. Papae já está em casa.

— E se fugissemos um pouco?

Saimos. Ellas vão n'afrente, um pouco nervosas porque julgavam ver conhecidos em cada porta. Annibal e eu caminhavamos lentamente, submergindo-nos cada vez mais na escuridão das ruas. O céu limpou. Agora parece uma abobada gigantesca com a lua no centro.

— Oh! Lua... — começo.

— Oh! Lua. Oh! Lua... repete Annibal ridicularizando-me a voz.

— A lua, e mais que?

Não posso continuar. Cahiram-me as lentes ideaes que costumou usar nessa hora. Pela primeira vez advirto que a lua, a pallida, a lyrica, a eterna amiga dos poetas, é muito semelhante á lua das cosmographias elementares.

Chegámos. Aproximamo-nos de Rina e de Laura que se desprendem os braços. Formamos pares e começamos a andar. Na rua, em frente, ha uma janella illuminada que nos olha sem piscar. Passa o ar fresco, trazendo-nos do jardim proximo, perfumes de plantas e de terra humida. Que estará Annibal dizendo a Laura? Ouço seu riso e sua voz.

Rina e eu andamos em silencio. Annibal já deve ter, nas suas, a mão de Laura. Por que não faço eu o mesmo? Porém Rina aproveitou um máu trecho do caminho para se aproximar de mim; agora temos as mãos unidas.

Amo-a? Nunca lhe escrevi uma poesia e não seria capaz de matar-me por ella. Ainda não pensei em suicidar-me nem em pedir-lhe em casamento. Se um dia me dissesse: — "Henrique: não te quero mais", eu levantaria os hom-

bros e, resignado, diria: — "Que que- res que eu faça? Adeus".

De mãos unidas, vamos lentamente pelo caminho escuro. O silencio atordoou-me. Não haverá um pouquinho de ridículo nisto que fazemos? "E' preciso demonstrar-lhe que não estou emocionado" — penso.

E principio a cantarolar uma canção tola:

Más te quisiera
Si la mama que tienes
Tin-tirin-tin-tin.
Moliné, moliné...

Não lhe percebo o sentido, porém embela-me a monotonia de seu compasso.

Ella entristece.

— Nunca terás juizo? — diz-me.

Esta hora que passo a seu lado é a unica em que abandono a minha seriedade. Faço-o com tanta paixão que acabo por enganar-me a mim proprio.

— Bôa noite!... que tal Rina?...

Clá! senhor Annibal! Rina Cuidado com a poça... Sentes frio?... Cuidado com a poça, Rina! Vamos dar a volta?... Ah! sim; troquemos as mãos... Como nos divertimos!... "Más te quisiera, tin-tirin-tin-tin..."

Ella me attende e segue com a mesma submissão. Olhamo-nos e ella apóia sua cabeça no meu hombro. E' menor do que eu e ao vê-la tão carinhosa sinto uma ternura ineffavel.

— Não estás cansada? — digo-lhe com malicia — Paremos.

Beijamo-nos longamente. Ella tem suas mãos nos meu hombros. Depois de cada beijo olha-me ternamente, humildemente. Sinto-a tremula entre meus braços.



— Por que tremes? — pergunto-lhe cruelmente.

Logo fatigo-me de beijá-la. Começo a achar tambem um pouco tolo isso de beijar. Observo-a. Emquanto nos beijamos abro os olhos. Ella tem os seus fechados. Meus olhos estão tão proximos dos de Rina que os vejo enormes, impressionantes, como os de algum monstro de pesadello.

Um transeunte que se aproxima separa-nos, e para disfarçar, conversamos.

— E' verdade Henrique? E' verdade que hontem te declaraste á Cora?

— Perdôas-me, Rina?

Ella me perdôa gravemente eu beijo-lhe as mãos.

— Querer-me-ás sempre, Henrique? — suspira.

— Sempre... sempre — protesto eu com gesto de pensador. E acrescento: O amor...

Improvisel uma theoria sobre o amor. Ella não me comprehende e olha-me tristemente.

— Se me enganas depois de tudo isto, não sei o que fazer...

Aborrece-me quando fala dessas coisas. Se visse nos seus olhos uma só lagrima, afogar-me-ia nella.

— Ri, Rina, ri; não quero que fiques triste.

Concede-me um sorriso que devoo rum beijo.

— Sei que vou morrer joven; como Maria... — murmura.

— Não, Rina. Engordarás. Desposarás um negociante e terás cinco filhos a um dos quaes chamarás Henrique. Diz-me por que estás sempre triste, como se occultasses uma pena immensa? Que te falta? Amo-te...

— Não, não me amas... Crês que o não vejo? Fatiga-te a meu lado e nem sabes dissimular-o. Nunca conseguí que, junto de mim, te esquecesses do mundo. Amas-te a timesmo; a mim...

— Quero-te Rina. Se morresses não sairia de casa durante tres dias e se me abandonasses comporia uma elegia em tua memoria. Porém quizera...

— Que queres?

— Quizera partir o mundo com um murro, montar no pescoço de um cometa e viajar no sidereo; caminhar pela Via Lactea e afastar as estrelas a ponta pés...

Laura interrompe-me o discurso justamente quando eu percebia o ridículo. De qualquer maneira, estraga-me o gesto theatral e fico por um segundo com o braço estendido. Laura aproxima-se olhando seu minusculo relógio luminoso. Já é tarde. E' preciso partir. Um prolongado aperto de mãos, e Rina váe-se tristemente, lentamente. Quêdo-me, olhando-a com ternura e gratidão.

— Rina, Rina! Por que serás tão bôa Por que serás tão indulgente, tão humilde, tão generosa? Amo-te, Rina, tanto quanto te posso amar. Perdôame se não te posso amar mais.

Como sempre, chego em casa quando todos acabaram de jantar. Isto me custa uma reprehensão, que escuto emquanto tomo a sopa.

c i n e m a

O CASAMENTO DE GARY COOPER COM LUPE VELEZ

Talvez o leitor não saiba ainda desta novidade de alta significação no mundo cinematographico. Com effeito, Gary Cooper, o peculiarissimo personagem da t'ela, que nos deu, já vae algum tempo, aquelle official bizarramente poesco de "Le-gião dos Condemnados", acaba de contrahir matrimonio com a senhora Lupe Velez, filha de um respeitavel e abastado fazendeiro mexicano.

O romance dos dois jovens se deu de maneira assás curiosa. Gary Cooper, por excentricidade ou carencia da vida, se fizera caçador de pelles de castor, indo viver no mais denso dos mattagaes das Montanhas Rochosas, na parte Oeste dos Estados Unidos. Depois, visitando a cidadezinha de Taós, para dentro da fronteira mexicana, onde ia vender as pelles reunidas durante o inverno, teve o bizarro galã ensejo de ahí conhecer, em um salão de danças regionaes, a bella e vibrante senhorita Lupe Velez, que por signal

se fazia conhecida na festa pelo nome de Lola Salazar, talvez para assim fugir o risco de ser facilmente estabelecida a sua verdadeira identidade.

Como em todo romance que merece este nome, no de Gary Cooper-Lupe Velez houve fuga, á noite, com a necessaria opposição do pae da moça, que a estava reservando para um pretendente que fosse por elle escolhido. Vencidas, porém, todas as peripecias do periodo inicial da sua vida de casados, peripecias que redundaram em difficuldades domesticas, separação, etc., encontram finalmente os jovens a completa felicidade ao lado um do outro.

Ah! não nos tomem os leitores muito a sério quanto a veracidade desta historia! Tudo isto se dá é bem verdade, no film "A Canção do Lobo", em que Gary Cooper e Lupe Velez têm os principaes papeis. Já sabem: "A Canção do Lobo" é um film todo sincronizado e cantado da "Paramount"!

"A CANÇÃO DO LOBO"

Gary Cooper
Lupe Velez
Louis Wolheim

Uma deliciosa historia de amor no mais soberbo e pittoresco dos scenarios naturaes! O semblante taciturno de um cavalheiro de aventuras desannu-via-se ante o sorriso conquistador da filha de um rico e poderoso senhor feudal. O romance que se segue. A attracção da natureza sobre o homem. A ringança do destino. O sacrificio e a vergonha para um coração de mulher. A ingratição. O regresso do amor. Ah! tendes o entreccho deste film!

Neste film GARY COOPER cantará "A Canção do Lobo", "My Honey", "Fare Thee Well" e LUPE VELEZ cantará as melodias "Mi Amado", "Te Lola" e a canção thema: "Yo Te Amo", etc.

Com esta producção apresenta a "Paramount" o seu quarto film sonoro cantado em inglez e hespanhol, a começar de segunda-feira, 2 no PARQUE.



CINEMA

Rudolph Valentino ou o Don Juan "Manqué"

A verdadeira história dos amores de Rudolph jamais será inteiramente conhecida. Depois de sua morte, certamente, um certo numero de factos emergiram da sombra, alguns tanto mysteriosa, na qual Valentino costumava occultar suas paixões.

Inumeras são as mulheres que podem affirmar, com toda a sinceridade, terem sido por elle amadas. Muitas dentre ellas são desconhecidas. A vida de Valentino foi uma longa sequencia desse "perfeito amor" que elle attingiu por vezes, porém nunca conseguiu realizar.

Antes de sua chegada aos Estados Unidos, no navio que o trazia á New-York, Rudolph fez conhecimento com uma dançarina americana pela qual se apaixonou loucamente. Ella se chamava Marion Hennion e, ao que parece, não correspondia o sentimento de Valentino. Aceitou o seu amor como uma simples diversão á monotonia da viagem. Foi ella quem lhe ensinou a dançar.

Assim, o grande actor, então total-



Gloria Swanson que resistiu á seducção de Valentino

Vilma Banky

mente desconhecido, começou sua vida sentimental por um amor infeliz.

Não tardou a esquece-lo ou, para ser mais justo, a não soffrer mais por elle. Encontrou, num café-concerto, uma mulher de quem não conhecemos o prenome: "Bianca". Era uma filha do Sul, culta, nobre, encantadora.

Amou-a. Durou pouco o seu amor. Bianca desposou um athleta famoso, Jack Desaulles. O casamento não foi feliz. A infiel Bianca appellou para Valentino. Ella queria se divorciar para viver com elle. Mas o marido era um homem brutal e sem honra. Tramou para que Valentino fosse implicado num negocio suspeito. Rudolph foi detido, preso, mas sua innocencia sendo evidente, libertaram-no quasi immediatamente. Quando voltou ao clube, os amigos viraram-lhe o rosto. Bianca recusou vel-o. Ferido no coração, Valentino deixou New York por Hollywood.

Conheceu a fome, a miseria. Procurou longo tempo um contracto de dançarino. Foi então que amou e desposou uma joven actriz de vinte e tres annos, "Joan Acher". Casamento tempestuoso. Brigas. Reconciliações. Emfim ruptura definitiva. Joan Acher foi trabalhar num film em Sierra Nevada e salu, de um só golpe, da memoria de Valentino. Não foi sem amargura que ella acabou por aceitar o divorcio. Enquanto corria o processo, escrevia-lhe cartas como esta que foi lida na audiéncia do tribunal que julgou a causa:

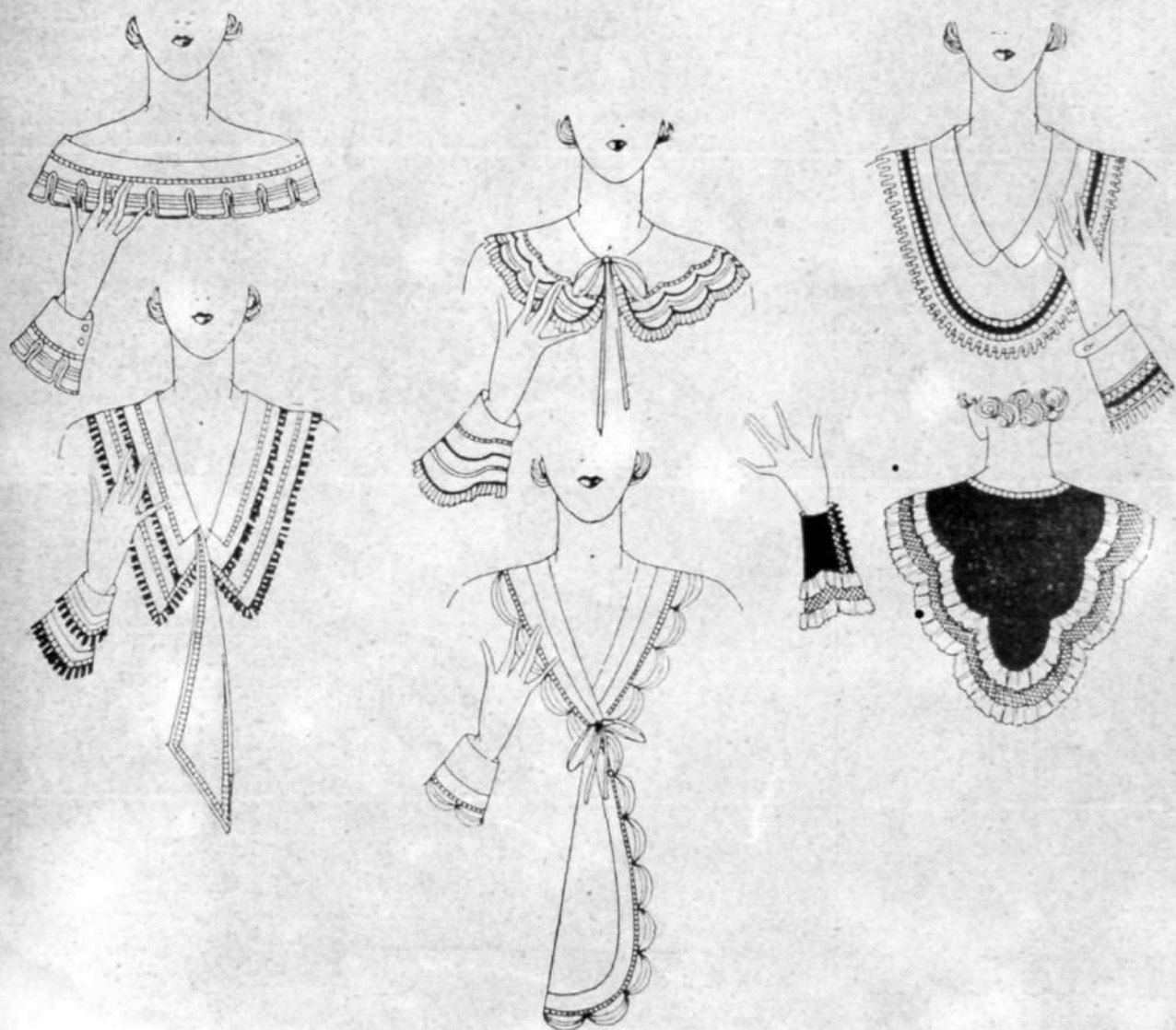
(Termina na pagina 31)



Sue Carol é o sorvetinho de morango de Fox-Follies

OS NOVOS DETALHES SOBRE AS GOLAS

Nas aberturas e nas pontas das golas, tanto nas unidas como nas "imprimées", sobressaem mil detalhes de "lingerie". Tudo quanto se pode imaginar como trabalhos delicados: "jours à fils tirés", "jour échelle", enviezes encrustados e fran-



zidos à mão, incrustações em ponto turco, recortes e babados de sabias complicações, com os mais puros jogos de colorido; tudo isso, executado em tecidos de uma finura delicada, exprime-se nestes ornamentos, que nos dão o "adresse" das costureiras de mãos de fada.

DE TODOS OS PAIZES

A Allemanha é um dos paizes europeus que, não obstante sua difficil situação economica, possúe maior numero de automoveis.

As ruas e avenidas do ex-imperio são percorridas por 433.205 automoveis de passeio, 143.953 caminhões, 608.342 motocicletas. Nos campos funcionam 28.560 tractores de motor.

Somente Berlim tem quasi cem mil automoveis. Em Saxonia ha um automovel para cada 37 habitantes, e na Prussia a estatistica accusa uma porcentagem de um vehiculo de motor para cada 57 habitantes.

* * *

Na região de Gharb, em Marrocos, acaba de ser descoberta uma importante jazida petrolifera que, parece, chegará a ter notavel e productivo aproveitamento industrial. A imprensa franceza, com tal noticia, reaffirma a necessidade de assegurar o protectorado francez sobre Marrocos e paizes que o limitam, já que o problema das fabricas de França radica-se principalmente na falta de petroleo, no territorio nacional e nas colonias.

* * *



Sobre-tudo de gabardine para meninos de 6 a 15 annos

Pelerines de cazemira com Capur

Capinhas e casaquinhas de malha para creancinhas

Casacos de malha para senhoras

Sobre-tudos para homens.

O maior e o melhor sortimento de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 - RUA NOVA

O Japão em Pernambuco

A CASA MAIS POPULAR DE PERNAMBUCO

FESTEJOS DE SÃO JOÃO



Grande sortimento de artigos para ornamentação de EGREJAS e Salões de Festas:

Balões, grinaldas de papel, sombrinhas de papel, bandeirinhas, cordões de palha, resposteiros de palha, Esteira, porta-cartões, abat-jour papel crêpe, papel de seda etc., etc.

Chegaram novas remessas: Velinhas defumadoras contra murçocas, Porta-pratos, chinélos, NOVIDADES EM BRINQUEDOS.

Rua Diario de Pernambuco, 123

Preoccupam os francezes os problemas que provoca a extrema diffusão do radio. Além das medidas tomadas contra as pelliculas falladas, em idiomas estrangeiros, e para proteger os musicos e os actores da lingua franceza, agora, em alguns departamentos, foi resolvido supprimir em absoluto a propaganda commercial por meio dos auto-fallantes, que já tinham chegado a prejudicar os periodicos e as companhias de publicidade.

* * *

Harvey A. Freyermuth, machinista da estrada de ferro do norte e de Cincinnati, subiu ao seu assento, abriu a valvula e começou a viagem de Cincinnati a Ney, Ohio e seis milhas além.

A medida que o trem augmentava de velocidade, sentou-se commodamente olhando pela janella lateral. Porém L. J. Hirsch, o foguista, observou que haviam passado dois cruzeiros sem que tocasse a sirene. Na terceira vez dirigiu-se ao machinista e tocou-lhe no hombro. Freyermuth repentinamente caiu para a frente, ficando rijo no piso da locomotiva.

Durante mais de tres milhas o trem tinha estado correndo com um homem morto no controlio da machina.

Sabão Marmorisado

DA

SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO
MARMORISADO TEM EM
CADA BARRA A MARCA

“MARMORISADO L. B. C.”

Não corta o tecido e, pelas suas boas qualidades saponáceas, é sempre o preferido

ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TREZ DE QUALQUER SIMILAR

FABRICANTES:

Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.

RECIFE

Rudolph Valentino ou o Don Juan “Manqué” CONTINUAÇÃO

Meu querido amor, se soubesses como eu desejo ter-te agora em meus braços. Tenho tanta necessidade de ti. Quando revêr-te-el? Será que ainda ser-me-á dada a ventura de rever-te?

Não me esqueças. Lembra-te, sobretudo que sempre tive fé na estrela de meu delicioso Rudolph de olhos cõr da noite.”

Valentino achou, enfim, contracto numa casa de cinema. Trabalhou como comparsa de Bebe Daniels, amou-a, foi por ella amado; depois se separaram e ficaram bons amigos.

Houve ainda uma breve aventura com Nita Naldi, joven italiana, brilhante e cynica.

NATACHA RAMBOVA

Sua segunda verdadeira aventura amorosa foi uma das mais estranhas de sua vida sentimental. Mme Nazinova, quando estava no auge da sua carreira, linha, entre seus directores artisticos, uma jovem talentosa e muito activa, dotada de considerável ambição. Chamava-se Natacha Rambova. Seu verdadeiro nome era Winifred Shanghness, mas, tendo sido adoptada por um fabricante de perfumes, millionario, tornou-se Winifred Hudnut. Encontrou Valentino e tornou-se Mme Valentino. Natacha Rambova tinha a alma de um Napoleão, Rudolph sonhava com um lar, com os bebês e a paz interior. Ella arrastou-a para uma casa onde

havia columnas de marmore e onde as “draperies” artisticas eram profusamente exhibidas.

Sobreveio uma ruptura, quando Mme. Valentino se arriscou — com o dinheiro de Rudolph — a fazer produção cinematographica



Fez um filme de longa metragem que custou 80,000 dollares e que nunca foi visto.

Durante esse tempo Valentino começou a ser notado. Attingiu uma popularidade que nenhuma outra estrela do écran havia conhecido.

Havia verdadeiras rixas nas ruas de New-York quando elle passava.

VILMA BANKY

Em seguida veio Vilma Banky. Rudolph não conseguiu abalar o coração da encantadora Vilma. Quando começou a manifestar, de uma maneira muito ardente, seu interesse por ella, apressaram-se em advertir a louca artista:

“Você seria ridícula; elle lhe amará algum tempo e, logo amará uma outra.”

Mas Vilma era clarividente e quando Rudolph se apaixonou pela “outra”, contentou-se em sorrir.

• POLA NEGRI

A outra foi Pola Negri. Não creio — mesmo actualmente — que Pola possa estar certa de ter sido amada por Valentino. O duo de amor entre Rudolph Valentino e Pola Negri provocou uma grande animação em Hollywood durante varios mezes. Foi a mais consideravel aventura amorosa conhecida no mundo do cinema. Pela maneira como era conduzida lembrava um desses romances da Idade media.

Um dia, encontrei Pola no studio: “Pola, disse-lhe eu, você tem um ar tão delicioso e tão amável que tudo deve-lhe correr ás maravilhas.

— A que você se refere? Ao amor ou aos negocios?

— Aos dois, repliquei, e ella respondeu:

“Quanto aos negocios, tudo vaç

(Continua na pagina 32)

Rudolph Valentino ou o Don Juan "Manqué" (CONCLUSÃO)

bem; quanto ao amor, porém, vae muito mal."

Quando Rudolph effectuou sua ultima viagem em avião para New-York, muitos de nós fomos interrogal-a sobre as verdadeiras causas da partida.

"Nós eramos realmente noivos, declarou ella; mas como cada um de nos deve seguir a respectiva carreira, os acontecimentos nos obrigam a retardar nossos planos matrimoniaes."

Mais tarde sobreveio a doença que devia ser fatal; depois a tumultuosa viagem de Pola, que atravessou um continente em trem especial, para serrar pela ultima vez sua mão gela-da.

Quando tudo estava consummado, Pola declarou:

"Meu amor por Valentino foi o maior amor da minha vida. Não o esquecerei jamais. Não o amava como artista, porem como mulher..."

UMA JOVEN INGLEZA

A mais curiosa das historias de

amor de Valentino só foi conhecida depois da sua morte. Encontraram num quarto, em Londres, o cadaver de uma artistazinha ingleza chamada Peggy Shaw Ella se tinha suicidado. No chão, esparsas, toda uma serie de cartas de Valentino. Eram cartas escriptas por elle no decurso de seus ultimos annos de vida, cartas de sympathy, de amor e de estímulo.

Nellas descobriram, além disto, uma nota melancolica — um coração jovem, aspirando o que nunca pode obter: um lar, uma esposa e filhos.

Lewis Montgommery

A DOCE VINGANÇA

(Continuação da pagina 8)

— Venho para minha vingança, senhor de Fidelong. Para a minha vingança tardia que tanto o fazia rir.

— E rio-me ainda!

— Vamos ver... Eil-a aqui: venho informar-lhe que encontrei, por fim, um appartamento.

— E isto em que me pôde interessar?

— Espere... Um appartamento exactamente igual a este que tanto me agrada... O do primeiro andar.

— Que engraçado! O appartamento do proprietario...

— Precisamente. O proprietario, o senhor Morselet, sem que o senhor, naturalmente, desconfiasse fazia-me há muito tempo uma corte assidua... (Lembre-se de todos os reparos que nos concedeu sem discutir)... Não é mal parecido, é rico... Aceitel suas homenagens e acabámos de nos casar: apresento-lhe a senhora de Morselet, sua vizinha e proprietaria.

— Demonios!...

— E, como proprietaria, previno-lhe que seu contracto termina dentro de seis mezes, e que nesse prazo seu aluguel será augmentado na somma que o senhor se negou a conceder-me depois do divorcio: sete mil francos — o que faz que este aluguel suba a vinte mil... a menos que o senhor não prefira mudar-se... Senhor Fidelong, tendo o prazer de cumprimentar-lhe...

E a senhora de Morselet retirou-se tranquillamente, enquanto o senhor de Fidelong soffria os effeitos de um repentino desmaio.

MIGUEL ZAMACOIS



A SENHORA — Chamam ao telephone. Você vá ver quem é.

A NOVA CREADA — Deve ser alguma de suas amigas, porque as minhas só chamam á tarde.

HYGÉA

limpeza-
automática
sem intervenção
manual



OS REGULAMENTOS DE SAUDE PUBLICA
EXIGEM ESCARRADEIRAS DESTE SYSTEMA

J. GOULART MACHADO & CIA LTDA - Rio.

DÊ NE BISE
OS SEUS PÉS...
O CALÇADO



ENCONTRA-SE
Nas principaes sapatarias

A REVISTA DAS REVISTAS

escolhida para a reabertura do

THEATRO MODERNO

no proximo mez de Junho!!!



24 dias consecutivos na tela do **ODEON**, do Rio de Janeiro, facto inedito nos annaes da cinematographia brasileira

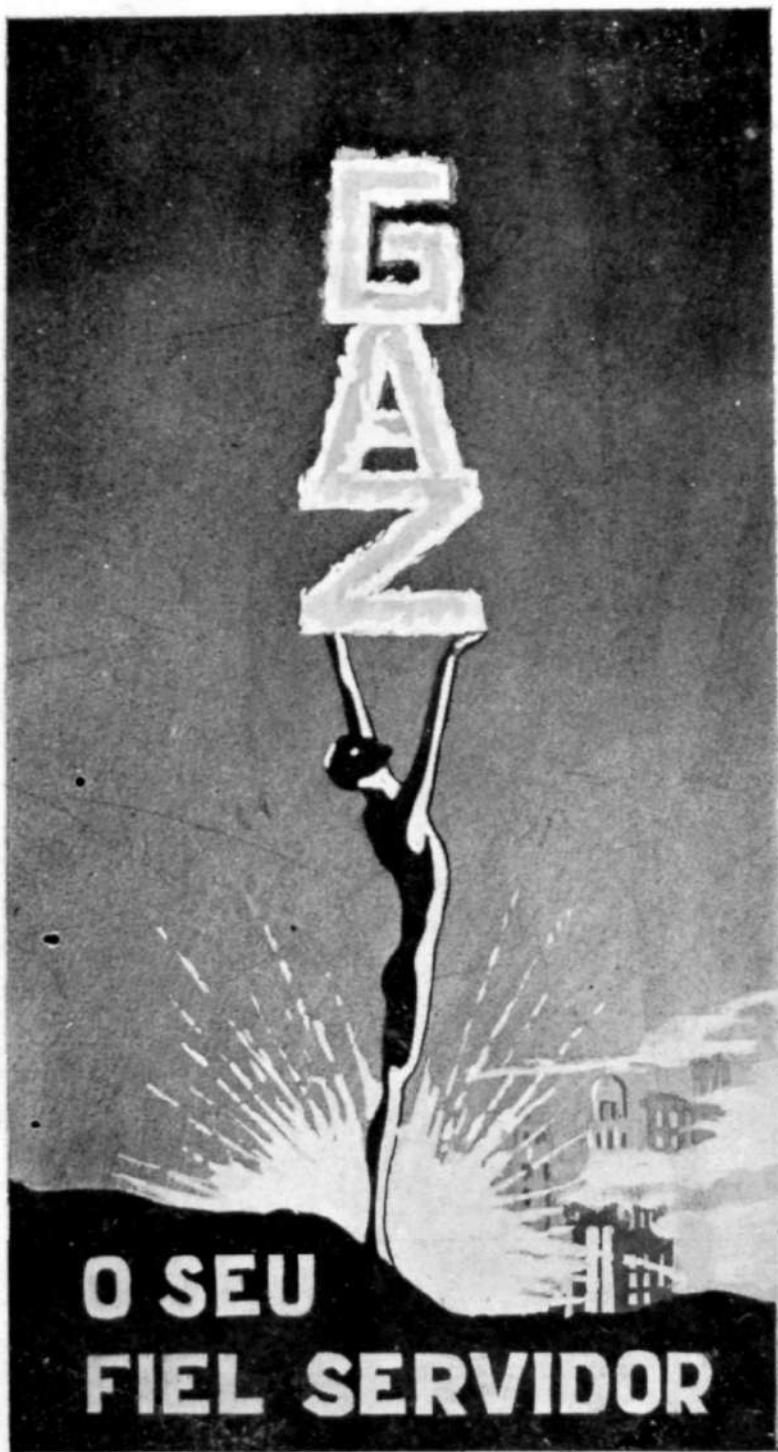
Canções que não serão esquecidas:

BREAKAWAY

WALKING WITH SUSIE

THAT'S YOU, BABY

BIG CITY BLUES



**O SEU
FIEL SERVIDOR**